



**Universidade dos Açores**

**Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**

**Relatório de Estágio**

*Expressões Artísticas e Educação para Valores em diálogo na Educação  
Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*

**Sara Tavares Medeiros**

**ESPECIALIDADE**

Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

**ORIENTADORES**

Prof. Doutor Adolfo Fialho

Prof.<sup>a</sup> Doutora Josélia Fonseca

Ponta Delgada

maio de 2017

**Universidade dos Açores**

**Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**

**Sara Tavares Medeiros**

*Expressões Artísticas e Educação para Valores em diálogo na Educação  
Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*

Relatório de Estágio

Relatório de Estágio apresentado à  
Universidade dos Açores para cumprimento  
dos requisitos necessários à obtenção do grau  
de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino  
do 1.º Ciclo do Ensino Básico, *sob orientação  
científica do Prof. Doutor Adolfo Fernando da  
Fonte Fialho e da Prof.<sup>a</sup> Doutora Josélia  
Mafalda Ribeiro da Fonseca*

## **AGRADECIMENTOS**

Chegado ao final de uma longa caminhada repleta de gargalhadas, choros, angústias, mas muitas, muitas alegrias e vitórias, é impossível não agradecer a todas as pessoas que me acompanharam e contribuíram para que este sonho se tornasse realidade.

Aos meus pais Manuel Barbeiro e Manuel Vieira e às minhas mães Cesaltina Pimentel e Viriata Vargas, por tudo o que me ensinaram, por me incentivarem a nunca desistir e por fazerem de mim a menina/mulher que sou hoje. Muito, muito obrigada!

Aos meus irmãos, por terem estado presentes em todos os momentos, obrigada!

Aos meus sobrinhos e afilhados, minha fonte de inspiração ao longo desta jornada, obrigada meus tesouros.

Agradeço ao Tadeu, meu tio do coração, que não me deixou seguir outro caminho a não ser o da Universidade. Obrigada por teres acreditado em mim.

Aos “meus” meninos, pois sem eles nada era possível. Obrigada meus amores, pelo carinho, pelos abraços e por toda a amizade partilhada que, com certeza ficarão guardados na minha memória.

Agradeço à educadora e professora cooperantes por terem aberto a porta das suas salas e que, com toda a sua amizade, apoio e entusiasmo embarcaram comigo nesta grande aventura.

Um agradecimento especial às minhas amigas Marisa, Rafaela, Rita, Maria João e Lúcia, pela amizade, paciência, pelas palavras encorajadoras e por me aturarem, até mesmo naqueles dias em que nem eu mesma me aturava. Muito obrigada por estarem presentes em todos os momentos.

Por fim, agradeço aos meus orientadores, Prof. Doutor Adolfo Fialho e Prof.<sup>a</sup> Doutora Josélia Fonseca, pelos ensinamentos, acompanhamento e, acima de tudo, pela paciência, muito obrigada.

Obrigada a todas as pessoas que de uma forma ou outra contribuíram para que este sonho se tornasse realidade.

E o meu obrigada a Deus, por iluminar sempre o meu caminho.

## RESUMO

O presente relatório de estágio reporta-se às práticas desenvolvidas em contexto de estágio, no âmbito das unidades curriculares de Estágio Pedagógico I e Estágio Pedagógico II, inseridas no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Universidade dos Açores. Este documento representa, assim, o culminar de todo o trabalho realizado ao longo dos dois estágios em causa, e tem como objetivo refletir sobre as práticas educativas realizadas nos contextos da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

No contexto deste trabalho, decidimos realçar o tema *Expressões Artísticas e Educação para Valores em diálogo na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*.

A escolha do tema deveu-se ao interesse pessoal sobre as duas áreas em causa, a pressuposta falta de tempo dedicada às Áreas de Expressão e, por fim, a necessidade de introduzir nas dinâmicas escolares uma Educação Artística para Valores que estimule o desenvolvimento pessoal e social da criança e a prepare para viver como cidadão.

Neste sentido, e de modo a aprofundar os conhecimentos sobre as referidas áreas, procedeu-se a uma análise da literatura da área. Além disso, na elaboração deste relatório recorreu-se a uma metodologia de natureza qualitativa através de uma análise e reflexão sobre as práticas de estágio com o objetivo de compreendê-las e interpretá-las.

Com o intuito de perceber quais as perspetivas dos docentes das escolas sobre esta matéria realizou-se uma entrevista à educadora e professora cooperantes.

De uma maneira geral, este relatório de estágio procura descrever, analisar e refletir situações de aprendizagem, com particular enfoque no desenvolvimento das áreas de Expressões Artísticas e Educação para Valores, espelhando conceções e estratégias de promoção do trabalho harmonioso entre ambas.

Assim, concluímos que, é fundamental perceber e valorizar o grande potencial destas duas grandes áreas em particular, reforçando o equilíbrio entre elas para que se possa garantir que uma não serve de “muleta” da outra e sim, que ambas trabalham de modo harmonioso em prol de um mesmo objetivo, o desenvolvimento pessoal, social e cognitivo da criança.

## ABSTRACT

The following internship report refers to the practices developed in an internship context, within the scope of the Pedagogical Internship I and Pedagogical Internship II course units, inserted in the Master's degree in Preschool Education and Basic Teaching levels, of the University of the Azores. This document represents, therefore, the culmination of all the work accomplished during the two internships in question, and aims to reflect on the educational practices carried out in the Preschool Education and Basic Teaching levels contexts.

In the context of this work, we decided to highlight the topic *Artistic Expressions and Education for Values in dialogue in Preschool Education and in the Basic Teaching levels*.

The choice of theme was due to personal interest on the two areas concerned, the presumed lack of time dedicated to the Areas of Expression and, finally, the need to introduce in the school dynamics an Artistic Education for Values that stimulates the personal and social development of children and prepares them to live as citizens.

In this sense, and in order to deepen the knowledge about these areas, was carried out a literature review of the area. In addition, in the preparation of this report, was used a qualitative nature methodology through an analysis and reflection on the internship practices in order to understand and interpret them.

In order to understand the schoolteachers perspectives about this matter, was conducted an interview with the cooperating educator and teacher.

Generally, this internship report seeks to describe, analyze and reflect learning situations, with a particular focus on the development of the Artistic Expressions and Education for Values areas, mirroring concepts and strategies to promote an harmonious work between the two.

Therefore, we conclude that, it is fundamental to understand and value the great potential of these two great areas in particular, reinforcing the balance between them to guarantee that one does not serve as a "crutch" to the other, but that both work in a harmonious way for the same purpose, the personal, social and cognitive development of children.

## ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS .....	iii
RESUMO.....	iv
ABSTRACT.....	v
ÍNDICE DE ANEXOS .....	vii
ÍNDICE DE QUADROS .....	viii
ÍNDICE DE FIGURAS .....	viii
<b>Introdução</b> .....	2
<b>Capítulo I</b> – Expressões Artísticas e Educação para Valores, que realação? .....	7
1.1.Valores e Educação .....	8
1.2.O lugar das Expressões na Educação Básica .....	16
1.3.Expressões Artísticas e Educação para Valores em diálogo .....	24
<b>Capítulo II</b> – O Estágio Pedagógico na Formação Inicial de Professores.....	29
2.1.A importância do Estágio Pedagógico .....	30
2.2.Observar, Planificar, Avaliar e Refletir na Prática Pedagógica .....	31
2.3.O Projeto Formativo Individual como elemento norteador da ação .....	35
2.4.O Estágio Pedagógico .....	36
2.4.1.Estágio Pedagógico em contexto da Educação Pré-Escolar .....	36
2.4.2.Estágio Pedagógico em contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico .....	47
<b>Capítulo III</b> – Análise das Situações Educativas .....	61
3.1. Análise das situações educativas desenvolvidas na Educação Pré-Escolar.....	62
3.1.1. Atividade “O Valor da Amizade” .....	62
3.1.2. Atividade “O Cuquedo” .....	65
3.2. Análise das situações educativas no estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico	68
3.2.1. Atividade “O Nosso Livro de Valores” .....	68
3.2.2. Atividade “Dados com Valores” .....	72
<b>Considerações Finais</b> .....	76
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	80

## **ÍNDICE DE ANEXOS**

**I** – Projeto Formativo Individual – Pré-Escolar

**II** – Projeto Formativo Individual – 1.º Ciclo do Ensino Básico

**III** – Exemplo de uma Sequência Didática do Pré-Escolar

**IV** – Exemplo de uma Sequência Didática do 1.º Ciclo do Ensino Básico

**V** – Exemplo de uma Reflexão do Pré-Escolar

**VI** – Exemplo de uma Reflexão do 1.º Ciclo do Ensino Básico

**VII** – Protocolo Ético de Investigação

**VIII** – Guião das entrevistas aplicadas à Educadora e Professora cooperantes

**IX** – Transcrição das entrevistas

## **ÍNDICE DE QUADROS**

**Quadro 1** – Síntese das atividades desenvolvidas em contexto da Educação Pré-Escolar

**Quadro 2** – Síntese das atividades desenvolvidas em contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

**Figura 1** – Síntese dos princípios das diferentes expressões na Educação Pré-Escolar

**Figura 2** – Síntese dos princípios das diferentes expressões no 1.º Ciclo do Ensino Básico

**Figura 3** – Planta da sala de atividades da Educação Pré-Escolar

**Figura 4** – Planta da sala de aulas do 1.º Ciclo do Ensino Básico

**Figura 5** – Recursos da atividade “O Valor da Amizade”

**Figura 6** – Recursos da atividade “O Cuquedo”

**Figura 7** – Fantoques

**Figura 8** – Recursos da atividade “O Nosso Livro de Valores”

**Figura 9** – Apresentação do livro

**Figura 10** – Recursos da atividade “Dados com Valores”

# Introdução



O presente Relatório de Estágio, enquadrado no artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 24/2007, de 22 de fevereiro, é apresentado com vista à obtenção do grau de Mestre que habilita para a docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Neste sentido, a sua elaboração recai sobre as práticas pedagógicas e toda a experiência vivenciada e refletida ao longo dos dois estágios, no âmbito das unidades curriculares de Estágio Pedagógico I e Estágio Pedagógico II.

Ambos os estágios ocorreram em estabelecimentos de ensino distintos mas pertencentes à mesma unidade orgânica situada no concelho de Ponta Delgada.

As Expressões Artísticas e a Educação para Valores como conteúdos a aprofundar e a refletir no desenvolvimento de toda a prática pedagógica e, respetivo Relatório de Estágio, foi um tema que emergiu das conceções sobre o ensino das artes na educação, em consonância com uma educação para valores e de todas as potencialidades que ambas as áreas proporcionam às crianças durante todo o seu processo de desenvolvimento na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Sendo as Expressões Artísticas uma área bastante abrangente e integradora das restantes áreas, é possível estabelecer uma relação homeostática com a Educação para Valores, uma vez que tanto uma como a outra contribuem em uníssono para o desenvolvimento integral das crianças.

No entanto, as Artes e a Educação para Valores são áreas pouco valorizadas por grande parte das escolas. Na maioria das vezes elas apenas surgem como alternativa ou simplesmente como entretenimento, sendo notória a discrepância que existe no recurso às expressões na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico ou seja, no pré-escolar, os educadores utilizam diariamente as expressões nas suas práticas, ao contrário dos professores do 1.º ciclo que, apesar de valorizarem a área não recorrem a ela, argumentando, na maioria das vezes, que há um programa bastante extenso a cumprir.

Deste modo, verificamos que, nos dias de hoje, as Expressões, apesar de todas as suas potencialidades, continuam a não ser consideradas essenciais como as restantes disciplinas. O mesmo acontece com a Educação para Valores que não tem, também, um lugar de relevo nas práticas educativas, sendo utilizada, na maior parte dos casos, quando algo menos bom surge em ambiente escolar.

Foi, então, neste sentido que delineamos a nossa temática/problemática, intitulada *Expressões Artísticas e Educação para Valores em diálogo na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*.

A este propósito, pareceu-nos importante, como futuros profissionais de educação, confrontar esta situação, tentando assegurar que ambas as áreas não passassem “despercebidas” nas salas de aula. Para tal, propusemo-nos a um conjunto de objetivos:

- ☞ Observar os contextos educativos da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico, de modo a compreender as características e pré-requisitos do grupo/turma nas áreas das Expressões e da Educação para os Valores;
- ☞ Planificar, articulando as diferentes áreas de conteúdo, tendo como base as necessidades e níveis de aprendizagem das crianças;
- ☞ Promover o desenvolvimento e o trabalho harmonioso entre Expressões Artísticas e Educação de Valores, quebrando a rotina de que uma serve de “muleta” da outra;
- ☞ Criar condições para uma Educação de Valores de modo a que o desenvolvimento e a autonomia moral da criança se tornem possíveis;
- ☞ Fomentar o equilíbrio saudável e eficaz entre as áreas;
- ☞ Perceber as conceções da educadora/professora em relação a cada uma das áreas, bem como à relação homeostática entre elas.

Para que fosse possível atingir os objetivos propostos, contamos com a participação das crianças, as grandes protagonistas que contribuirão para a realização de todo o trabalho e com a grande ajuda e acompanhamento da educadora e professora cooperantes ao longo de todo o processo de estágio.

Além disso, como sujeitos ativos em todo o processo, contamos, ainda, com o nosso relato das práticas e com dados relativos ao grupo de 18 crianças da Educação Pré-Escolar e à turma de 16 alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Por uma questão de confidencialidade, as entrevistadas serão identificadas ao longo do documento como Educadora (E) e Professora (P), assim como as crianças que, ao serem referenciadas, o serão com nomes fictícios.

De entre os vários métodos de recolha de dados utilizados em investigação educacional destacam-se a entrevista, a análise documental e a observação. Com vista a fundamentar o presente trabalho, de carácter qualitativo, decidiu-se utilizar a entrevista como instrumento de recolha de dados pois, considerou-se o instrumento mais apropriado para dar resposta aos objetivos pretendidos.

De acordo com Cunha (2007) a entrevista “constitui uma das técnicas mais utilizadas na metodologia qualitativa, resultando de uma negociação entre o entrevistador e o entrevistado com o fim de descobrir o significado das representações no pensamento do professor – realidades e acções” (p. 77). No caso específico deste estudo achamos pertinente utilizar a entrevista semiestruturada, pelo facto de esta ser menos rígida, proporcionando uma maior flexibilidade o que leva a que este tipo de entrevista funcione como um diálogo, sobre um tema específico, entre o entrevistador e o entrevistado. Para tal, elaboramos um guião de questões (**anexo VIII**) como elemento orientador ao desenvolvimento da entrevista.

No que concerne à análise documental, ressaltamos que esta permitiu proceder à pesquisa bibliográfica referente ao tema transversal a todo o relatório bem como auxílio na recolha de dados nas escolas que nos acolheram, através de documentos como o Projeto Educativo de Escola, Plano Anual de Atividades, Projeto Curricular de Turma/Projeto Curricular de Grupo e os Processos Individuais das crianças. Estes documentos permitiram-nos recolher informações acerca do funcionamento e organização da escola, as problemáticas existentes e os interesses e necessidades das crianças.

Por fim, relativamente à observação, é importante referir que esta foi extremamente importante para a recolha de informação na medida em que, possibilitou-nos recolher dados sobre as crianças (interesses, necessidades, comportamento, etc.), as metodologias e estratégias utilizadas pela educadora/professora, sobre as rotinas, entre outros aspetos. Para Dias (2009) “É necessário conhecer a(s) criança(s) e o(s) contexto(s) educativo(s) que a(s) rodeia(m) para saber o que a criança já é capaz de fazer, para ajustar respostas ao desenvolvimento da criança, para intervir (escolhendo materiais, esquemas de organização, estratégias a utilizar, regras a estabelecer, exigências a fazer)” (p. 29).

Para a interpretação de toda a informação recebida (análise dos dados) transcrevemos na íntegra ambas as entrevistas (**anexo IX**) pois, de acordo com Bogdan

e Biklen (1994, p.205 cit, por Rodrigues, 2014), a análise de dados é “o processo de busca e de organização sistemática de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados” (p. 74).

Além disso, o presente Relatório de Estágio será organizado em três capítulos distintos.

No capítulo I é abordada a temática de aprofundamento deste relatório sustentada em literatura da área. O primeiro ponto deste capítulo reporta-se para os Valores e Educação, o segundo para o lugar das Expressões Artísticas na Educação Básica e, por fim, o terceiro, para o diálogo e a simbiose natural entre Expressões Artísticas e Educação para Valores sabendo que,

A introdução do conceito expressivo na Educação, por mais disperso que a princípio pareça ser, preconiza a construção de conhecimento, através de um processo ensino-aprendizagem mediado por recursos expressivos que leva o indivíduo a aprender, a saber pensar, criar, inovar, construir conhecimentos, participar ativamente no seu próprio crescimento, sempre orientado pela sua experiência, de seus pares e dos facilitadores do processo conhecimento – os Educadores Expressivos (Ferraz e Dalmann, 2011, p. 44, cit. por Martins, 2013, p. 33).

O capítulo II abarca a importância do estágio pedagógico e as várias competências convocadas ao longo de toda a prática pedagógica, a observação, a planificação, a avaliação e a reflexão, bem como o Projeto Formativo Individual como elemento norteador de toda a ação. Além disso, enquadra, também, os contextos educativos da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico onde decorreram as nossas práticas. Faremos uma caracterização das escolas, do meio envolvente, das crianças e das metodologias utilizadas, seguida de um quadro síntese com a descrição das atividades realizadas em ambos os estágios.

O capítulo III apresenta uma análise e reflexão pormenorizada de algumas atividades realizadas no âmbito dos nossos estágios no contexto da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Para finalizar, este relatório apresentará aquelas que são as considerações finais a propósito da temática/problemática estudada e de todo o processo de estágio profissional, seguindo-se as referências bibliográficas que sustentaram todo o trabalho, assim como os anexos.

# Capítulo I

---

## **1. EXPRESSÕES ARTÍSTICAS E EDUCAÇÃO PARA VALORES, QUE RELAÇÃO?**

- 1.1. Valores e educação**
- 1.2. O lugar das Expressões Artísticas na Educação**
- 1.3. Expressões Artísticas e Educação de Valores em diálogo**

## 1. Expressões Artísticas e Educação para Valores, que relação?

### 1.1. Valores e Educação

Definir educação não é uma tarefa fácil, uma vez que se trata de um conceito polissêmico. De acordo com Reboul (1971) a educação é “a acção consciente que permite a um ser humano desenvolver as suas aptidões físicas e intelectuais bem como os seus sentimentos sociais, estéticos e morais, com o objetivo de cumprir tanto quanto possível, a sua missão como homem” (p. 2).

Por seu turno, Goergen (2005) refere que a educação “pretende dar uma orientação e um sentido ao ser humano como um todo; ela, de certo modo, perpassa transversalmente todas as dimensões da formação humana” (p. 1006).

Fonseca (2003) define educação como sendo “um fenómeno complexo e pluridimensional que visa ajudar o homem a esboçar a sua personalidade e a desenvolver competências e conhecimentos que facultem a superação dos obstáculos, naturais e humanos, que se interpõem à sua sobrevivência física e humana” (p. 8).

Assim, tendo em conta o que diferentes autores enunciam sobre o conceito de educação, acreditamos que esta é fundamental para a vida em sociedade e para a construção da “pessoa” em toda a sua dimensão singular.

O termo “pessoa” deriva, etimologicamente do grego *proposon* que significa “máscara”, utilizada pelos atores no teatro ou até mesmo como a “personagem no seu todo”.

De acordo com as palavras de Fonseca (2011), o vocábulo “pessoa” evoca três factos diferentes: a pessoa como um processo dinâmico de construção, em que o ator, quando encarna uma personagem, é obrigado a construir um modo de ser, pensar e agir; a pessoa como um ser individual, único e irrepitível, em que cada ator constrói a sua personagem tendo em conta aquilo que considera ser mais correto, mais essencial e, por fim, a pessoa na sua dimensão relacional. Neste último, a personagem interage e comunica com os outros e com o seu público (p. 42).

A propósito de “pessoa”, autores como Boécio e Tomás de Aquino salientam o seu carácter ontológico. Boécio (480 – 525 d.C.), primeiro autor a falar de pessoa, concebe pessoa como substância individual de natureza racional. Para Tomás de Aquino (1225 - 1274), a “pessoa” é uma perfeição que decorre pelo facto de este ser um

subsistente intelectual ou seja, num nível mais elevado da dimensão ontológica, a “pessoa” é “natureza racional subsistente em si” (Fonseca, 2011, p.43).

Para além do carácter ontológico, a “pessoa” assume, também, um carácter ético. De acordo com Kant (1995, p.70, cit. por Fonseca, 2011), “[...] a pessoa [...] é esse sujeito cujas acções são susceptíveis de imputações. [...] Mas só um agente livre pode ser o autor a quem se imputa uma acção. Quem diz pessoa diz portanto sujeito e liberdade” (p. 44). Isto significa que a pessoa é um ser livre, capaz de agir e ser responsável pelas suas acções e, ao mesmo tempo que é um ser racional é, também, um ser autónomo na construção das suas leis e na prática das suas acções.

Para Scheler, a “pessoa” é um ser “aberto ao mundo (...) que reúne em si o eu biológico, social, psicológico e epistemológico”. É, através do contato com os outros e com o mundo que a “pessoa” vai descobrindo todos os “ingredientes” que ajudam na construção progressiva da sua identidade, tornando-a em “um centro de valores que se realiza e desenvolve numa comunidade moral, onde cada “pessoa” é igualmente reconhecida na sua identidade como ser único, distinto” (Fonseca, 2011, p.47), capaz de viver em sociedade recheada de diversos valores que não devem ser impingidos, mas sim sendo construídos com o ser humano ao longo do seu crescimento e desenvolvimento.

Sabendo que a pessoa humana se constrói sob a orientação dos valores, que vão sendo aprendidos ao longo da vida e, que estes são os responsáveis pela essência humana é importante perceber e compreender o que significa o vocábulo valor e qual a sua importância para a construção da identidade do ser humano.

De acordo com Ramiro Marques (2002), “valor vem do latim “valore”, que significa aquilo que vale alguma coisa e tem merecimento. O Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa diz que valor é aquilo que é valioso, que tem grande interesse e que é de grande qualidade” (p. 15).

Para Goergen (2005), “o valor é o objeto intencional do sentimento como a realidade é o objeto intencional do conhecimento” (p. 987). Por sua vez, Bolívar (1992, cit. por Fonseca, 2005) afirma que “Os valores aparecem como estruturas cognitivas que permitem ao sujeito não só ordenar, interpretar os fenómenos da realidade física e social, mas que às vezes guiam o seu modo de orientar-se nela” (p. 111).

Assim, pode-se definir *Valor* como um conjunto de características morais próprias das pessoas, que influenciam o seu comportamento e interação em sociedade.

No entanto, na perspectiva de Hessen (2001) “o conceito de «valor» não pode rigorosamente definir-se. Pertence ao número de conceitos supremos (...) que não admitem definição. Tudo o que pode fazer-se a respeito deles é simplesmente tentar uma clarificação ou mostração do seu conteúdo” (p. 43)

A propósito de valores, Ramiro Marques (2002), reconhece a existência de seis ordens de valores: os valores práticos, frequentemente utilizados no dia-a-dia do ser humano, são aqueles que geram rentabilidade e a que se pode dar uso, como é exemplo o dinheiro; os valores hedonísticos, que se encontram com a satisfação e com o prazer, sendo os prazeres da mesa e do sexo exemplos destes valores; os valores estéticos, relacionados com o que é belo; os valores lógicos que têm que ver com a verdade e com o rigor científico; os valores éticos, no que diz respeito à moral e, por fim, valores transcendentais, relacionados com a religião, com o conceito de Deus e com a esperança de haver vida depois da morte, sendo os valores éticos preponderantes a este trabalho, uma vez que estes funcionam como um guia que nos ajudam a atuar de maneira responsável perante diversas situações, ou seja, orientam a nossa conduta durante toda a vida.

Ao falar-se de valores, julgamos também necessário mencionar que estes podem, ainda, ser traduzidos através de uma escala, ou seja, através de uma classificação progressiva dos valores que vai instituindo uma hierarquia de importância entre eles pois, de acordo com Araújo (2011), determinados valores “se “posicionam” de forma mais central em nossa identidade, e outros, de forma mais periférica. O que determina esse “posicionamento” é a intensidade da carga afetiva vinculada a determinado valor (ou contra-valor) construído” (p. 3).

Enquanto princípios da ação humana – que se deve caracterizar como sendo consciente, livre e responsável – os valores afiguram-se como extremamente importantes para o desenvolvimento da personalidade do Homem que se constrói de forma dinâmica e paulatinamente no percurso da sua existência. Como refere Marques (2002), “Os valores possuem um importante papel no equilíbrio da personalidade, guiando as condutas e orientando a tomada de decisões para que não se sucedam incongruências entre atitudes e ações que possam pôr em risco a saúde mental” (p. 15).

Além disso, desempenham um papel importante na educação. De acordo com José Quintana (1995), os valores são o eixo que suporta a educação por três ordens de razões:

a) são o resultado objectivo, subjectivo e pessoal de todo o processo de interpretação significativa da realidade operada no sujeito; b) são a origem do quadro e sistema articulado dos motivos, critérios, normas, modelos e projectos com os quais o indivíduo busca e constrói o seu plano pessoal de vida; c) são as premissas que inspiram e unificam aquela conduta madura à qual ela tende (p. 223).

Podemos, então, através das palavras de José Quintana, perceber que os valores são um elemento primordial na formação da pessoa uma vez que, “é possível concebê-los como os fios condutores que compõem a teia de sentidos que suporta a vida. Os valores são uma espécie de lentes que permitem percepcionar e interpretar o real e o tecido de relações interpessoais que o constituem” (Fonseca, 2012, p. 69).

Tendo em conta o conceito de educação já esclarecido anteriormente, importa agora relacioná-lo com os valores uma vez que, é impossível existir um processo educativo sem a presença de valores. Os valores são, de facto, “o móbil de toda a educação” (Fonseca, 2011, p. 94).

Assim sendo, educação e valores consubstanciam-se no processo de desenvolvimento do indivíduo pois, juntos, operam em prol do mesmo, a formação do homem enquanto indivíduo que pertence a uma sociedade. Enquanto ser racional, o homem necessita conhecer-se e conhecer os outros. Como tal, através do processo educativo, o indivíduo desenvolve-se como ser pessoal e social conseguindo criar valores, tanto pessoais como sociais, que são imprescindíveis na construção da sua identidade, tornando-o num ser autónomo e responsável preparado para interagir e viver em sociedade.

Neste sentido, podemos afirmar que os vocábulos educação e valor estabelecem “uma relação intrínseca e dialéctica, que se compreende num duplo sentido: todo o acto educativo veicula valores, a educação é na sua essência um valor” (Fonseca, 2005, p. 108), assegurando que ambos os conceitos contribuem em uníssono para a formação do Homem.

Uma vez que, os valores se vão formando ao longo da vida, através das experiências e vivências de cada indivíduo, deve a educação possibilitar a sua construção, visando sempre o desenvolvimento integral das crianças, não esquecendo que, ao mesmo tempo que são pequenos aprendizes são, também, pessoas que devem ser preparadas para viver em sociedade. Neste contexto, Afonso (2005) esclarece que,

os valores “estão, sempre, onde estiver a pessoa, seja qual for o lugar, a circunstância, o estatuto e o papel social que cada um desempenhe” (p. 10).

Assim, é essencial evidenciar que, desde cedo, se devem criar condições favoráveis a uma educação para valores que promovam o conhecimento, a experiência dos valores e o desenvolvimento do raciocínio e de uma consciência moral autónoma.

Sabendo que, na sociedade atual, axiologicamente plural e em que se exige que o indivíduo seja um cidadão ativo, o principal objetivo da educação para valores é promover o desenvolvimento da consciência moral do indivíduo permitindo-lhe refletir sobre o seu comportamento e o comportamento do outro, entendemos que, a ausência da mesma nas escolas levará a uma grande falha ao nível de todo o desenvolvimento e crescimento da criança enquanto cidadão, tornando-se indubitável a presença dos valores nas práticas educativas, uma vez que o domínio dos valores é o eixo que orienta a *praxis* humana.

Apesar de, por vezes, a educação para valores não ser desenvolvida nas escolas, ela está contemplada nos principais documentos norteadores do processo educativo.

Assim sendo, de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2016), “A educação pré-escolar tem um papel importante na educação para os valores, que não se «ensinam», mas se vivem e aprendem na ação conjunta e nas relações com os outros” (p. 37). É nessas relações que a criança vai, progressivamente, construindo referências que lhe vão possibilitar tomar consciência da sua identidade e respeito para com os outros, reconhecendo e respeitando os valores que diferem dos seus, promovendo atitudes de tolerância, compreensão e respeito pela diferença.

Na mesma linha de ideias, a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (L.Q.E.P. – Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro), salienta que, deve a educação pré-escolar “promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania”, permitindo que as crianças se relacionem com os outros e com o mundo, desenvolvendo atitudes e valores que são o alicerce de uma cidadania autónoma, consciente e solidária.

Por sua vez, a Organização Curricular e Programas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico (2004) realça que se deve “Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes da vida comunitária” (p. 12), possibilitando o indivíduo construir a sua

autonomia através de escolhas e tomada de decisões e assumindo progressivamente as suas responsabilidades enquanto indivíduo pertencente a uma comunidade.

Assim, o educador/professor tem um papel fundamental no âmbito da Educação para Valores, pois “deverá consubstanciar o desenvolvimento da educação de valores num processo em que devem ser criadas condições, espaços e tempos que possibilitem uma formação axiológica activa e consciente” (Fonseca, 2003, p. 57), cabendo-lhe ainda desempenhar o papel de facilitador da aprendizagem.

Por esta razão e, apesar de, nas palavras de Menezes (1989), existirem sempre valores subentendidos em todas as escolhas do professor, “a educação para valores deve ser feita intencionalmente não para agravar a manipulação incorrendo em doutrinação, mas para influenciar positivamente o sujeito, propondo-lhe espaços de reflexão sobre os problemas morais que impliquem uma realização actuante em conformidade” (Pedro, 1998, p. 267).

Para que possa haver uma boa promoção de valores, torna-se necessário recorrer a abordagens de educação para valores, de modo a que cada indivíduo atue de modo consciente, tanto na tomada de decisões como na resolução de conflitos.

No conjunto de abordagens existentes podemos agrupá-las em dois grandes grupos: abordagens prescritivas e abordagens construtivistas.

No que diz respeito à abordagem prescritiva, Fonseca (2003) refere que se trata de “uma concepção que compreende o desenvolvimento da humanização como um processo de socialização que se desenvolve através da modelagem que a sociedade, enquanto entidade superior, impõe ao homem, construindo-o à sua imagem” (p. 60). Deste modo, as abordagens prescritivas pressupõem uma moral estandardizada focada na explicitação direta dos valores nomeados por uma determinada sociedade (Fonseca, 2003, p. 60).

Neste tipo de abordagem, são utilizadas estratégias informativo-instrutivas, que podem ser concretizadas por duas vias: a transmissão direta de valores e comportamentos apropriados e aceites por uma determinada sociedade e, por meio de um processo de imitação, através do qual o educador/professor é o modelo a seguir. De acordo com Fonseca (2003), “qualquer uma destas vias conduz a um processo de endoutrinação, na medida em que privilegia a aquisição de modelos comportamentais e de virtude estabelecidos *a priori* como ideais de perfeição” (p. 61).

Este é um tipo de orientação pedagógica bastante utilizado pelos educadores e professores pois acreditam que assim há transmissão cultural, quando na realidade representam apenas um quadro axiológico que é imposto às crianças e que estas o consideram como exterior a si e se sentem coagidos a cumpri-lo, sem na realidade o compreender.

A abordagem construtivista assenta na ideia de que “o processo de socialização e de individualização do indivíduo ocorre como um processo de construção e de desenvolvimento de complexidade crescente, que assenta na interacção do indivíduo com o meio e na interpretação que o indivíduo realiza a partir dessa interacção” (Fonseca, 2003, p. 62). Isto é, baseia-se em estratégias indutivas que promovem o conflito sociocognitivo, a escolha e a justificação pessoal dos valores, e que visam o desenvolvimento moral autónomo dos indivíduos.

Com intuito de fornecer este tipo de desenvolvimento moral, os educadores/professores recorrem a estratégias de exploração reconstrutiva, como por exemplo, a clarificação de valores. Esta estratégia “pretende (...) promover a educação de valores através de um processo de auto-descoberta e auto-consciencialização das crianças” (Fonseca, 2003, p. 62) ou seja, visam incentivar as crianças a fazerem escolhas de uma forma livre e a estimarem aquilo que gostam e que apreciam, ajudando-as a refletir e a perceber aquilo a que dão valor.

De acordo com Isabel Menezes (1998, p. 59),

o objectivo da clarificação de valores é, então, que os indivíduos tomem consciência das suas opções neste domínio, tendo como ponto de referência um conjunto de características: um valor é algo escolhido livremente, após consideração de alternativas, pessoalmente significativo e publicamente assumido, que interfere nas acções e tem uma certa constância ao longo do tempo.

Por isso, o educador/ professor deverá, ainda, estar preocupado em promover um processo de ensino-aprendizagem integrado e significativo que favoreça às crianças a construção de uma consciência axiológica cada vez mais autónoma, apostando no seu desenvolvimento afetivo e cognitivo.

Numa sociedade cada vez mais desprovida de valores urge a necessidade de fortalecer aquela que deverá ser a base da formação de um indivíduo, enquanto ser humano, cidadão e pessoa, os valores. Assim, enquanto futuros educadores/professores,

tivemos a preocupação de, no decorrer do nosso estágio pedagógico, transmitir valores às crianças/alunos para que cresçam e se desenvolvam seguros, emocional e socialmente, proporcionando um ritmo de crescimento saudável, apostando não só no seu desenvolvimento cognitivo e afetivo como também no seu desenvolvimento moral autônomo.

Neste sentido, entendemos que as Expressões Artísticas, enquanto meio por excelência de comunicação e expressão, seriam uma ótima forma de promover a educação para valores pois, muitas crianças só se conseguem exprimir através do desenho ou pintura, de uma música, encarnando uma personagem ou, até mesmo, através de um simples movimento do corpo.

## 1.2. O lugar das Expressões na Educação Básica

A integração e exploração das Expressões Artísticas na Educação Básica torna-se, cada vez mais, num investimento essencial em contexto escolar uma vez que, esta área oferece múltiplas potencialidades que possibilitam desenvolver diversas aprendizagens nas crianças, através de atividades dinâmicas e lúdicas, contribuindo para o bom desenvolvimento da sua personalidade.

Desta forma e, retomando o conceito de educação já referido anteriormente, é importante relacioná-lo com o conceito de Expressão, tornando-se, assim, relevante esclarecer o significado da palavra Expressão para que se possa, então, perceber as grandes potencialidades das Expressões Artísticas no desenvolvimento do ser humano.

A palavra Expressão “deriva do latim *expression* que significa: acto de espremer certos objectos para extrair deles o suco; maneira de exprimir; maneira de sentimento: de dor, de alegria, carácter, sentimentos íntimos manifestados pelos gestos ou pelo jogo fisionómico” (Reis, 2005, p. 8).

Além disso, e de acordo com o mesmo autor, o termo Expressão “designa o conjunto dos fenómenos que se produzem no corpo como resposta a estímulos externos e internos. A expressão é também uma atitude de comunicação, designando vários meios de que o ser humano se serve para comunicar” (Reis, 2005, p. 8).

Assim sendo, a Expressão é, de uma maneira geral, uma forma de comunicação e descoberta que será sempre utilizada pela criança em todo o seu crescimento e progredirá por toda a sua vida, podendo proporcionar-lhe diversas sensações que lhe permitam expressar-se de forma natural, projetando, com mais à vontade, os seus instintos, emoções e sentimentos. Sousa (2003a), citando Piaget (1996), garante que “- Expressão será a exteriorização da personalidade. Efectua-se através do jogo simbólico, realizando desejos, a compensação, a livre satisfação das necessidades subjectivas. Numa palavra, a expressão tão completa quanto possível do «EU», distinto da realidade material e social” (p. 184). Portanto, e sabendo que cada indivíduo tem a sua vida e as suas experiências, a expressão nunca será igual para todas as pessoas.

Ainda a este propósito, Arno Stern (s/d) salienta que “O direito à expressão deve ser dado a todos, e deveria estar inscrito nos princípios essenciais da civilização que, desprezando ou ignorando a expressão se dedica a enterrar-lhes as manifestações. E não

há, contudo, nada a temer desta expressão. Concedê-la às crianças não está em contradição com nenhum princípio da humanidade” (p. 17).

Tal como a Educação para Valores, também as Expressões Artísticas são fundamentais no processo educativo uma vez que oferecem à criança inúmeras aquisições, contribuindo para que esta se desenvolva a todos os níveis.

A este propósito, Cerezo (1997, Vol VI) afirma que “qualquer forma de expressão, seja ela fisicomotora, plástica, dramática ou musical, é um elemento indispensável no desenvolvimento da Expressão Pessoal, Social e Cultural do aluno. São formas de saber que articulam saberes, imaginação, razão e emoção. A vivência artística influencia o modo como se comunica, como se aprende e como se interpretam os significados do quotidiano”.

Neste sentido, para a criança, as atividades expressivas têm um incontestável valor educativo, o que permite que a mesma tenha a oportunidade de exprimir o seu mundo interior pois, desde o nascimento que a criança sente necessidade de comunicar e de se expressar, de modo a interagir com o mundo.

Nesta ordem de ideias, quanto mais motivador e impulsionador de atividades expressivas for o ambiente em que a criança está inserida, mais espontaneidade esta terá para se expressar.

É, por isso, que tanto na Educação Pré-Escolar como no 1.º Ciclo do Ensino Básico, a área das Expressões está presente no currículo, estruturada em diversos domínios: Expressão Plástica, Expressão Dramática, Expressão Musical e Expressão Físico-Motora.

A Expressão Plástica, considerada como um meio de expressão e representação natural, livre e espontânea da criança, tem como principal objetivo “ (...) a expressão das emoções e sentimentos através da criação com materiais plásticos. Não se pretende a produção de obras de arte nem a formação de artistas, mas apenas a satisfação das necessidades de expressão e de criação da criança (...)” (Sousa, 2003b, p. 160).

Além disso, este tipo de expressão artística apela muito à criatividade, à expressão livre das crianças, permitindo-lhe imaginar, inventar, etc. pois, “todos nós podemos (...) demonstrar criatividade na maneira pela qual somos capazes de nos expressar” (Moyles, 2007, p. 82).

A Expressão Dramática, encarada como um dos meios mais valiosos e completos da educação, foca-se, principalmente na “*expressão*, ou seja, o estimular da criança para que expresse livremente todos os seus sentimentos, desejos e tensões

interiores” (Sousa, 2003b, p. 33), tornando-se relevante proporcionar à criança oportunidades para que possa viver o seu imaginário como forma de expressão e exploração do corpo pois, “através de jogos de imaginação, todos do agrado das crianças, deverão ser vivenciadas diferentes formas e atitudes corporais assim como maneiras pessoais de desenvolver um movimento” (Ministério da Educação, 2004, p. 78).

Relativamente à Expressão Musical que, à semelhança das outras expressões é também considerada um potencial contributo para a formação e educação das crianças, apresenta como principal objetivo convocar “ (...) a criança, a sua educação, a sua formação como ser, como pessoa, o desenvolvimento equilibrado da sua personalidade (...)” (Sousa, 2003c, p. 18).

Igualmente importante são as explorações sonoras que esta área expressiva promove pois, “ao juntar diferentes elementos, introduzindo-lhes modificações, inicia a construção de fontes sonoras elementares” (Ministério da Educação, 2004, p. 70), permitindo-lhe, assim, experimentar as potencialidades sonoras de diferentes materiais e objetos.

Por fim, a Expressão Físico-Motora que, juntamente com as outras áreas contribui para o desenvolvimento global da criança, assenta na ideia de que a “ (...) educação física assume-se num conjunto de práticas que permitem um estruturação progressiva e sustentada da motricidade da criança” (Condessa, 2009, p. 43).

Além disso, “o conjunto das experiências da criança na E. E. F. M. deve ter um carácter lúdico, numa atitude e ambiente pedagógico de exploração e descoberta de novas possibilidades de ser e realizar(-se)” (Ministério da Educação, 2004, p. 37) uma vez que, o lúdico tem uma natureza prazerosa e motivante, ao mesmo tempo que promove aprendizagens motoras e o desenvolvimento global.

Segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo (L.B.S.E. – Lei n.º 49 de 2005), na educação pré-escolar deve-se “Desenvolver as capacidades de expressão e comunicação da criança, assim como a imaginação criativa e estimular a actividade lúdica”. A propósito do 1.º Ciclo do Ensino Básico, o referido documento realça que se deve “proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as actividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios”.

Por seu turno, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997, p. 57) referem que, “O domínio das diferentes formas

de expressão implica diversificar as situações e experiências de aprendizagem, de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si próprio na relação com os objectos”.

Como forma de reforçar esta ideia, o mesmo documento enfatiza diferentes princípios para esta grande e valiosa área das expressões. Ao nível da educação Pré-Escolar destacam-se os princípios apresentados na figura seguinte (ver figura 1):

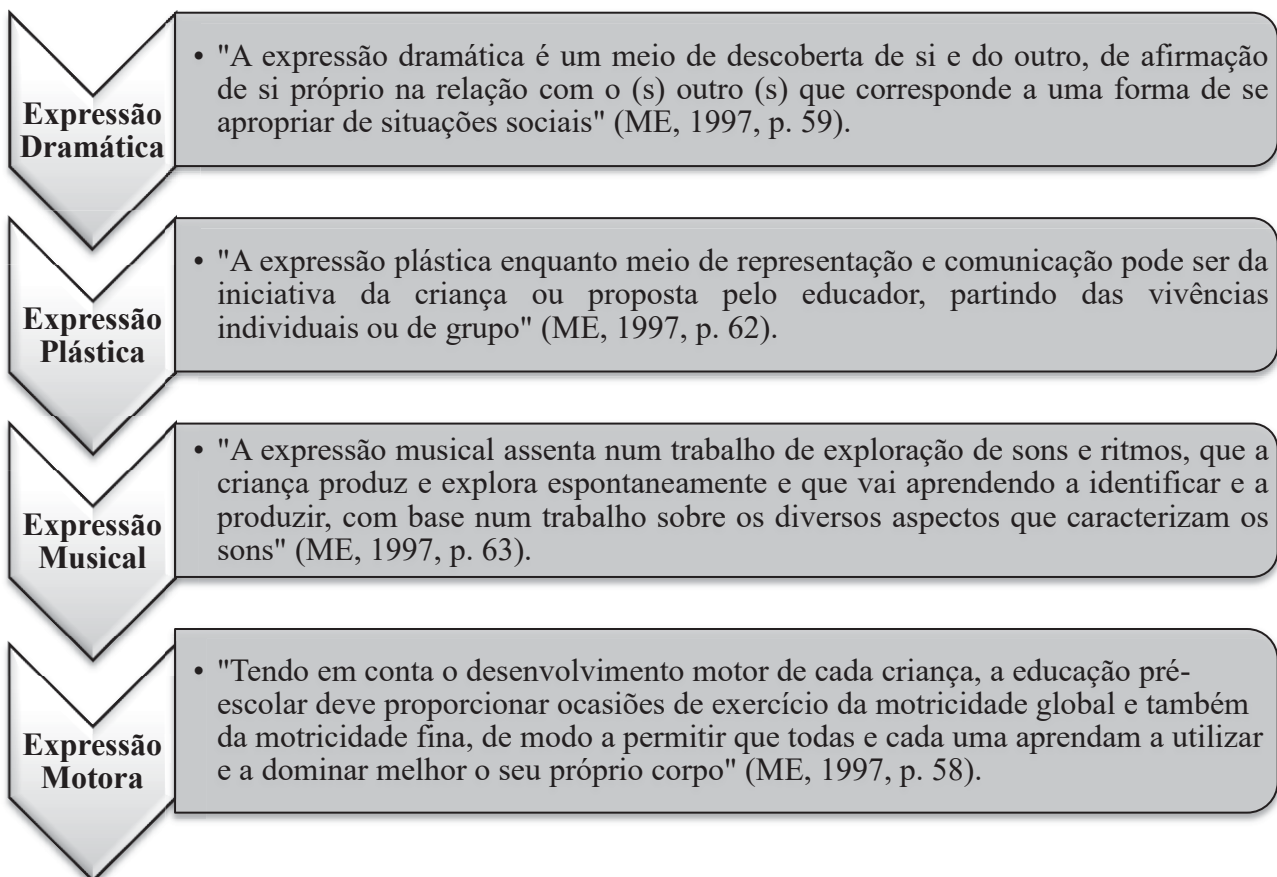


Figura 1: Síntese dos princípios das diferentes expressões na Educação Pré-Escolar.

Perante o exposto, “é fundamental integrar as crianças em ambientes onde possam contactar regularmente com a arte, com os seus processos (...)” para que estas possam enriquecer as suas possibilidades de expressão, comunicação e conhecimento de si próprio e do outro.

À semelhança do que fizemos para a Educação Pré-Escolar, também a Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico visa “proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar actividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios” (Ministério da Educação, 2004, p. 12).

Assim, e de acordo com o documento supramencionado, os princípios que destacamos relativamente ao 1.º Ciclo do Ensino Básico são os que se apresentam na figura que se segue (ver figura 2):

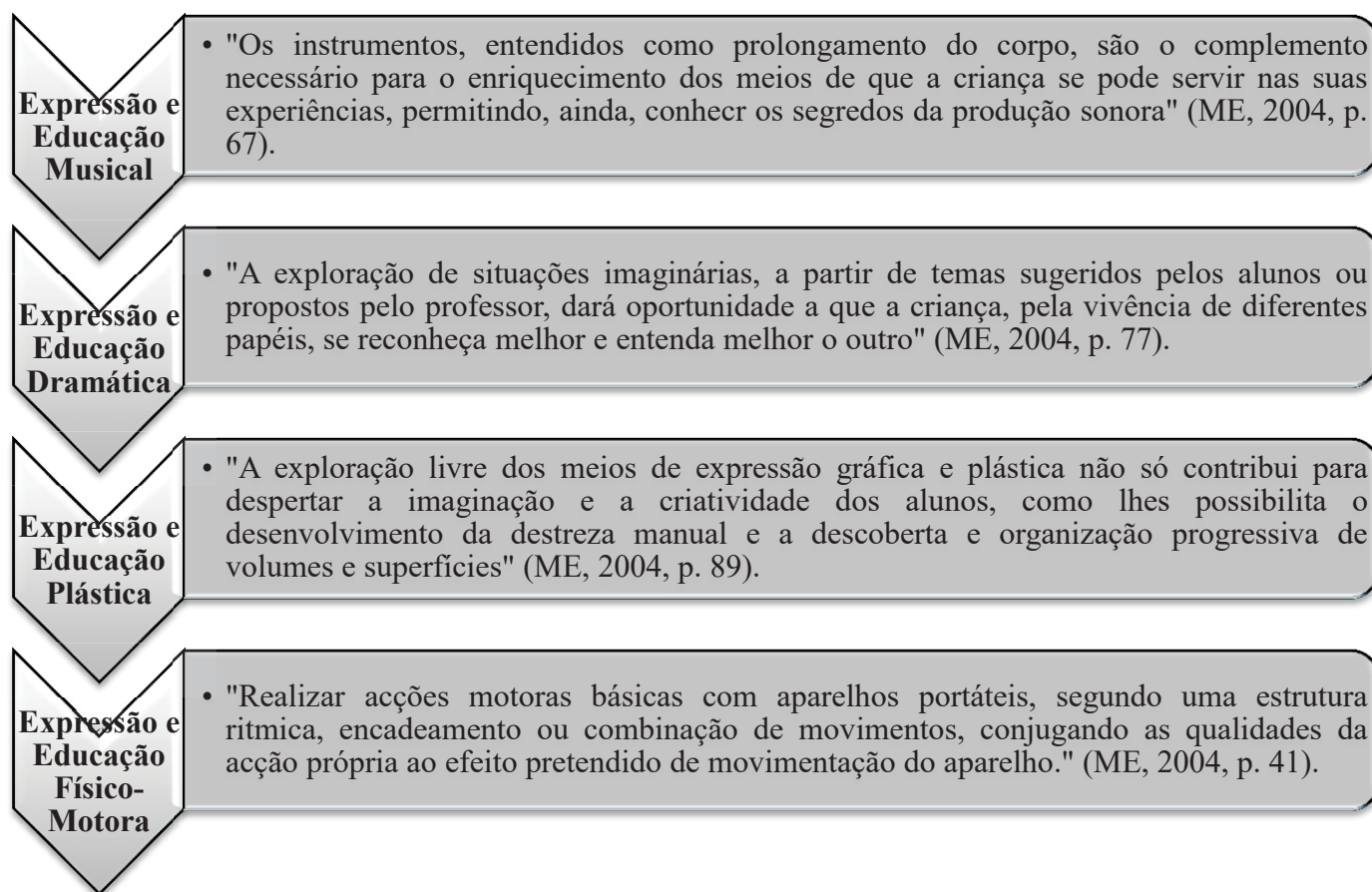


Figura 2: Síntese dos princípios das diferentes expressões no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Perante estes princípios, é deveras importante voltar a realçar que esta área é crucial em todo o processo de aprendizagem da criança/aluno na medida em que, contribui para que esta consiga, em cada fase da sua evolução, alcançar um conhecimento de si mesma e do seu meio. Atividades como a modelagem, o desenho, a pintura, a música, a dança e o drama proporcionam à criança a exploração das suas capacidades e, sobretudo dos seus sentimentos e emoções.

É, neste sentido, que as crianças devem vivenciar diversas experiências e sensações em atividades como a música, a pintura, os jogos dramáticos e todos os conteúdos da área das expressões que, direta ou indiretamente fortificam o desenvolvimento e aprendizagem pois, para elas “a expressão é uma forma natural de viver a própria realidade e de compreender o mundo que a [s] cerca” (Aguilar, 2001, p. 127).

Pela mesma razão, Sousa (2000) salienta que as “ (...) actividades educativas expressivas (Expressão Musical, Expressão Dramática, Expressão Dançada, etc.), para além do seu inquestionável valor educativo, oferecem algo ainda mais valioso: a sua acção homeostática e a influência preventiva em relação a problemas psicológicos” (p. 82). Através da expressão artística, quer seja dramática, musical ou plástica, a criança consegue transmitir o seu estado de espírito, ou seja, aquilo que é difícil exprimir por palavras, torna-se mais fácil se for cantado, pintado ou mesmo representado. Para isso, apenas importa promover atividades que respeitem, incentivem e motivem a criança e que vão ao encontro das suas necessidades.

Ao realizar este tipo de atividades, desperta-se na criança, os seus interesses motivacionais. Isto é, estando motivada para a execução de uma tarefa, a sua dedicação e empenho perante esta mesma tarefa aumentará, não esquecendo que ela acabe também por desenvolver outras formas de linguagem.

Por isso, e tendo por base a perspectiva de Papalia, Olds e Feldman (2001, p. 449), é uma mais valia que o ensino das crianças “(...) integre os campos dos saberes disciplinares e que parta dos interesses e talentos naturais das crianças: ensinar a ler e a escrever, por exemplo, no contexto de um projecto de estudos sociais, ou ensinar conceitos matemáticos através do ensino da música”.

Desta forma, é essencial que o educador/professor ofereça às suas crianças meios que lhes permitam expressar-se livremente para que, não só desenvolvam a sensibilidade mas também, para que aprendam a aceitar e a respeitar a autenticidade de cada um pois, através de atividades “em que a criatividade, a expressão, o movimento e

a ludicidade são privilegiados, a criança apreende também um conjunto de regras e significações sociais dos seus comportamentos que lhe permite adaptar-se à sua cultura e iniciar-se numa prática desportiva, cultural e artística” (Condessa, 2010, p. 39).

Todavia, apesar de todas as potencialidades e vantagens apresentadas pela área das Expressões Artísticas, estas, na maior parte das vezes, não são reconhecidas pelos educadores/professores dentro da sala. Ainda assim, de acordo com estudos já realizados, podemos constatar que “os(as) Educadores(as) recorrem com maior frequência à área das Expressões, principalmente à Expressão Plástica nas suas práticas, enquanto os(as) Professores(s) demonstraram pouca utilização desta nas suas práticas, devido à preocupação em cumprir os programas curriculares” (Sousa, 2014, p. 114), sendo comum assistirmos ao afastamento das expressões para segundo plano, utilizadas unicamente quando se tornam necessárias para assinalar dias festivos.

Geralmente, estas áreas são encaradas como um complemento das outras áreas do currículo ou como mera ocupação de tempo, ao invés de serem trabalhadas em benefício das aprendizagens das crianças/alunos. A comprovar esta realidade, Bucho (2011) esclarece que “as actividades lúdicas e artísticas são afastadas do dia-a-dia escolar, em detrimento de actividades mais da era da ciência, das línguas, do digital e do convencional” (p. 32).

Porém, para Lowenfeld (1954), “a arte pode constituir o equilíbrio necessário entre o intelecto e as emoções” que, apesar de inconsciente, proporciona um “escape” para situações que, de certo modo, modificam o estado emocional das crianças. Este autor considera mesmo a expressão como “uma amiga à qual as crianças se dirigirão, quando as palavras se tornarem inadequadas” (p.19).

Outro aspeto também referenciado na literatura como penalizador da abordagem são as questões de ordem financeira. Nas palavras de Rodrigues (2014) “questões de ordem financeira acabam por funcionar um pouco como eventuais desculpas, a fim de se justificar a abolição de actividades expressivas” (p. 96).

É de lamentar que hoje em dia se considere que há disciplinas que devem ser tratadas com graus de maior ou menor importância, dando maior destaque àquelas consideradas como mais importantes, as ditas disciplinas nobres (Português, Matemática, Ciências) e desvalorizando, muitas vezes, quase por completo, outras que são, tanto ou mais importantes no desenvolvimento da criança. A este respeito, Sousa (2003) afirma que “ (...) não há «matérias nobres» na educação e, se as houvesse, seriam aquelas que mais directamente se relacionam com o equilíbrio da personalidade,

evitando os desequilíbrios psicopatológicos e, portanto, as actividades expressivas...” (pp. 128 - 129).

Fragmentar o ensino das várias disciplinas e classificá-las como mais ou menos importantes, onde na generalidade as expressões estão quase sempre em segundo plano, é como dissociar a pessoa da sua individualidade e originalidade, é encará-la como um conjunto de peças de puzzle separadas ao invés de um todo equilibrado.

A fim de colmatar esta situação é fundamental investir mais numa educação pela arte uma vez que esta é “uma educação sensível, tendo em vista a estimulação e o enriquecimento racional, numa interacção benéfica entre o pensar, o sentir e o agir, dirigindo-se com especial interesse para os problemas que afectam a criança e o adolescente” (Sousa, 2003a, p. 81).

Nesta linha de pensamento e, sabendo que as expressões são uma área essencial que promove o desenvolvimento da criatividade, imaginação, sensibilidade e comunicação da criança e contribui, em grande parte para o seu desenvolvimento enquanto pessoa, acreditamos ser uma mais valia estabelecer sinergias com outra grande área responsável pelo desenvolvimento do indivíduo, a Educação para Valores.

É sobre este aspeto que nos debruçaremos de seguida.

### 1.3. Expressões Artísticas e Educação para Valores em diálogo

Aprofundadas, teoricamente, as áreas das Expressões Artísticas e Educação para Valores, debruçamo-nos agora sobre a relação que entendemos existir entre elas, na construção e desenvolvimento do indivíduo.

Assim, partindo do pressuposto de que

as artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspectivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade em que se vive. A vivência artística influencia o modo como se aprende, como se comunica e como se interpretam os significados do cotidiano. Desta forma, contribui para o desenvolvimento de diferentes competências e reflete-se no modo como se pensa, no que se pensa e no que se produz com o pensamento. As artes permitem participar em desafios coletivos e pessoais que contribuem para a construção da identidade pessoal e social, exprimem e enformam a identidade nacional, permitem o entendimento das tradições de outras culturas e são uma área de eleição no âmbito da aprendizagem ao longo da vida” (Ministério da Educação e Ciência, 2001, p. 149),

acreditamos que nada melhor do que estabelecer uma relação homeostática entre as Expressões Artísticas e a Educação para Valores uma vez que, ambas contribuem e trabalham de modo harmonioso para o desenvolvimento do indivíduo além de que, favorecem a sua autodescoberta, cuja origem está nas relações e interações que este tem com as pessoas que o rodeiam para o conhecimento de si próprio (Reis, 2004, p. 130).

Não obstante a importância destas duas áreas educacionais na formação do indivíduo, a verdade é que a maioria dos professores não lhes atribui o devido valor pois, geralmente são trabalhadas ao final do dia quando as crianças já estão muito cansadas ou para ocupar os chamados “tempos mortos”, por acreditarem “não serem áreas prioritárias; por falta de tempo; por falta de espaço adequado e por falta de recursos” (Sousa, 2014, p. 103).

Atualmente, nas nossas escolas, enquanto a Educação para Valores serve de alternativa à Educação Moral e Religiosa (Fonseca, 2003, p. 55), as Expressões Artísticas servem apenas como entretenimento. A este propósito Pacheco *et al* (1998, p.

256, cit. por Sousa, 2014), adianta que “a arte é, deste modo, encarada na melhor das hipóteses, como um evento cultural visto pelo lado de um público culto. Na pior das hipóteses, é encarada como um simples entretenimento” (p. 11).

Neste sentido, importa reforçar a importância das Expressões no desenvolvimento do Homem pois, “desde o nascimento que exprimimos necessidades e experimentamos sentimentos que interpretamos como agradáveis ou desagradáveis. A partir dessas experiências de vida, construímos uma percepção acerca de nós próprios e, também dos outros. (...) essa percepção influencia o nosso comportamento, as nossas atitudes e condiciona o modo como pensamos, agimos e sentimos aquilo que nos rodeia” (Vieira, 2005, p. 27, cit. por Martins, 2013, p. 37).

Tendo por base a ideia de que toda a criança é expressiva, e que não há comunicação sem expressão, podemos educar para valores, através de um processo de clarificação dos mesmos, permitindo à criança fazer escolhas de forma livre e ajudando-as a esclarecer e a refletir sobre os valores que já possuem, promovendo, assim, o desenvolvimento de uma consciência moral autónoma.

Através das áreas expressivas, a criança vai-se desenvolvendo, criando o seu quadro de valores ao mesmo tempo que se vai conhecendo e conhecendo o outro.

Neste sentido, e uma vez que a chave da Educação para Valores é promover o desenvolvimento da consciência moral do indivíduo, permitindo-lhe refletir sobre o seu comportamento e sobre o comportamento do outro, é possível e essencial difundir-la por meio da Expressão Dramática, pois esta

ajuda-a eficazmente no seu processo de desenvolvimento bio-psico-socio-motor, pondo em jogo a sua expressividade, a sua criatividade e a sua consciência de valores ético-morais e estéticos, ao mesmo tempo que ajuda na sua relação social, dado que as actividades de expressão dramática em grupo implicam a cooperação de todos os membros, unindo as suas acções para atingirem um fim comum (Sousa, 2003b, p. 33).

Deste modo, a Expressão Dramática concederá à criança a utilização de linguagens gestuais e corporais, como meios de expressão e comunicação, permitindo-lhe desenvolver o seu EU, ajudando-a a conhecer-se, a conhecer os outros e a conhecer o seu meio. Pela Expressão Dramática a criança executa inúmeras aquisições que são verdadeiramente importantes para o desenvolvimento do seu carácter.

Por sua vez, a Expressão Musical, ao desempenhar um papel crucial no desenvolvimento sócio afetivo das crianças, “ (...) pode trazer benefícios a longo prazo que se generalizam a outras categorias da competência pessoal e social” (Perry, 2002, p. 476), permitindo-lhes desenvolver capacidades que, um dia mais tarde, serão uma mais-valia tanto ao nível do sucesso profissional como social e pessoal do ser adulto.

Assim, educar para valores através da música permite à criança desenvolver aspetos afetivos, cognitivos e sociais. Aqui, o mais importante não é que a criança aprenda música, mas sim “a sua educação, a sua formação como ser, como pessoa, o desenvolvimento equilibrado da sua personalidade” (Sousa, 2003c, p. 18)

Nesta ordem de ideias, também a Expressão Plástica preconiza que

através da expressão livre, a criança não só desenvolve a imaginação e a sensibilidade, como também aprende a conhecer-se e a conhecer os outros, aceitando e respeitando a autenticidade de cada um ou o modo pessoal como cada um se exprime de acordo com as suas ideias, sentimentos e aspirações (Gonçalves, cit. por Sousa, 2003c, p.169).

A Expressão Plástica é, deste modo, um engenho para a criança se conhecer a si e o outro e se desenvolver, engrandecendo a sua forma de ser e estar ao longo de toda a sua vida. Dentro deste domínio, o desenho é “uma das mais antigas manifestações expressivas do ser humano que se conhece” (Sousa, 2003c, p. 193). Através do desenho, a criança desenvolve as suas capacidades cognitivas, o seu raciocínio lógico, as suas emoções e os seus sentimentos. Para a criança, o desenho é “uma forma de brincar, não se preocupando com a perfeição técnica da sua brincadeira. O seu brincar, porém, expressa todo o seu ser, incluindo o mais profundo do seu inconsciente” (Sousa, 2003b, p. 198).

Por fim, reforçamos tais sinergias realçando a Expressão Físico-Motora que, de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016), possibilita à criança “um desenvolvimento progressivo da consciência e do domínio do seu corpo e, ainda, o prazer do movimento numa relação consigo própria, com o espaço e com os outros” (p. 47).

Dentro do domínio da Expressão Físico-Motora, um dos grandes potenciadores do desenvolvimento social da criança é o jogo. Através do jogo, as crianças descobrem as mais variadas experiências, “é pelo jogo que crescem a alma e a inteligência (...).

Uma criança que não sabe jogar, (...) será um adulto que não sabe pensar” (Chatêau, 1975, p. 16).

De facto, o jogo representa um meio através do qual a criança desenvolve valores pessoais e sociais, “que introduzem um elemento cultural e social importante. É um dado adquirido que jogar contém elementos de socialização e de aquisição de regras e de valores” (Rino, 2004, p. 10).

Por isso, cabe ao educador/professor promover atividades que permitam às crianças experienciar momentos sociais “(...) pois as regras e interações que se pretendem desenvolver deverão contribuir para a construção de um cidadão responsável e autónomo, para o qual a escola é apenas um dos contributos” (Rino, 2004, p. 21).

Assim, e tendo em conta o que já foi referido, é possível estabelecer um diálogo entre estas duas grandes áreas, reforçando o equilíbrio entre elas, na medida em que, juntas laboram com vista a atingir o mesmo objetivo, a construção e desenvolvimento do indivíduo.

Por conseguinte, acreditamos que uma não serve de “muleta” da outra e sim, que ambas trabalham de modo harmonioso, cabendo à escola e ao educador/professor a tarefa de promover momentos favoráveis para que se possam criar condições que beneficiem a simbiose natural entre ambas as áreas, para que as crianças revigorem um conjunto de valores que lhes permitam viver em sociedade e que lhes proporcionem aprender a ser pessoa e cidadão tendo em conta que “ser pessoa é crescer em valores” (Medeiros, 2009, p. 79).

Neste contexto, Expressões Artísticas e Educação para Valores devem ser trabalhadas nas escolas de modo articulado e, acima de tudo, devem ter um lugar de destaque em todo o processo educativo. Só assim, estas áreas poderão ser vivenciadas de uma forma natural, dando espaço à criança para que esta se possa expressar livremente ao mesmo tempo que desenvolve a sua consciência moral que a auxilia no conhecimento e compreensão dos valores.

Juntas, estas duas grandes áreas “contribuem para um equilibrado desenvolvimento da personalidade autêntica da criança, na sua sensibilidade, na sua espontaneidade, na sua criatividade” (Santos, 1999, p. 137).

Como tal, o educador/professor tem um papel fundamental em todo o processo de ensino-aprendizagem pois, é ele que assume a função de facilitador da aprendizagem, é ele que ajuda o aluno a ver o mundo de maneira diferente, é ele o fiel incentivador das suas crianças.

## **Capítulo I** – Expressões Artísticas e Educação para Valores, que relação?

Como estagiários e futuros profissionais de educação, tentámos transportar para o nosso estágio, o nosso grande contato com a realidade escolar, a preocupação em garantir a construção de um ambiente favorável que estimulasse a verdadeira relação de simbiose que existe entre estas duas grandes e valiosíssimas áreas, imprescindíveis em todo o processo de desenvolvimento e educação das crianças.

É sobre este aspeto que dedicaremos a nossa atenção no capítulo que se segue, no qual nos debruçaremos sobre os nossos estágios pedagógicos, na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

## Capítulo II

---

### **2. O ESTÁGIO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES**

- 2.1. A importância do Estágio Pedagógico**
- 2.2. Observar, Planificar, Avaliar e Refletir na Prática Pedagógica**
- 2.3. O Projeto Formativo Individual como elemento norteador da ação**
- 2.4. O Estágio Pedagógico**
  - 2.4.1. Estágio Pedagógico em contexto da Educação Pré-Escolar**
  - 2.4.2. Estágio Pedagógico em contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

## 2. O ESTÁGIO PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

### 2.1. A importância do Estágio Pedagógico

O estágio pedagógico é um momento de grande importância no processo de formação inicial de professores, na medida em que permite que o estagiário se confronte com a realidade da profissão, transportando todas as competências adquiridas ao longo da sua formação acadêmica, podendo ser definido “como uma experiência de formação estruturada e, como um marco fundamental na formação e preparação dos alunos para a entrada no mundo profissional” (Caires, 2001, p. 15). A este propósito, Gomes e Medeiros (2005) referem que é neste momento de estágio que o futuro educador/professor “se vê confrontado, pela primeira vez, com o assumir de um novo, desconhecido e tão desejoso papel – o de ser professor” (p. 21).

Inicialmente, sendo o primeiro contato do estagiário com a realidade de ser professor, uma fase de grande nervosismo, incertezas e inseguranças é, também, uma fase de exploração e descoberta, como enfatizam as palavras de Caires (2001) que nos adiantam ainda que “o início do estágio é habitualmente caracterizado como uma fase exploratória, na qual o aluno se vai familiarizando com a instituição, os recursos disponíveis, as pessoas, as tarefas e as rotinas que fazem parte do quotidiano institucional” (p. 124).

No decorrer da prática pedagógica surgem inúmeras dificuldades e incertezas características dos estudantes que se preparam para a entrada no mundo profissional. Além disso, assumir o tão desejado papel de educador/professor permite-nos vivenciar experiências junto de um grupo de crianças. Segundo Alarcão, *et al.* (2005), “a prática pedagógica na formação inicial de professores tem um papel crucial, permitindo que os formandos equacionem as suas práticas, as experienciem e problematizem, tendo em conta os projectos pedagógicos da escola e de turma, os temas integradores, o programa e o desenvolvimento de cada aluno numa turma” (p. 20).

Nesta lógica, Formosinho (2009) salienta ainda que “a Prática Pedagógica é a componente intencional da formação de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática profissional” (p. 14).

Deste modo, a nossa prática educativa nas escolas é, efetivamente, um momento crucial na nossa formação profissional pois, “é a oportunidade de aprender a

transformar os saberes disciplinares em saberes profissionais capazes de fundamentar e orientar a acção docente quotidiana” (Formosinho, 2009, p. 130).

## 2.2.Observar, Planificar, Avaliar e Refletir na Prática Pedagógica

A observação é a primeira etapa do trabalho docente, isto é, antes de planificar o educador/professor tem de conhecer o seu grupo de crianças/alunos, as suas características, capacidades, necessidades e interesses e o contexto familiar e social em que estes se inserem. Para que tal aconteça, o profissional de educação necessita de observar as crianças/alunos que o rodeiam.

Segundo Dias (2009), “O conceito de observação pode ser entendido como o processo de recolha de informação como via de acesso à representação de uma realidade. (...) Observar será armazenar informação sobre o que se vê, se ouve, se diz. Será, igualmente, seleccionar informação para mais facilmente, *a posteriori*, a analisar e interpretar” (p. 28). Por seu turno, Vieira (1993) salienta que “observar é interpretar e como todo o acto interpretativo, a observação reflecte a subjectividade do sujeito que observa” (p. 38).

Esta observação é essencial e deve ser feita em diversas ocasiões, na sala, no recreio ou durante as atividades. É através destas observações, que devem ser sistemáticas e contínuas, que o educador/professor recolhe informação sobre as facilidades, dificuldades e necessidades dos seus alunos pois, estas permitem “descer às diferenças dos alunos e de as potencializar como factor de aprendizagem” (Veríssimo, 2009, p. 12). Além disso, toda a informação, que é recolhida nos diversos contextos é “uma estratégia privilegiada que permite captar o processo de desenvolvimento/aprendizagem da criança” (Dias, 2009, p. 30).

No entanto, a fase de observação não se limita apenas ao início do estágio. Esta deve acompanhar o estagiário ao longo de todo o percurso para que haja um conhecimento do grupo/turma cada vez maior e, até mesmo, auxiliar na avaliação que, no caso dos dois estágios pedagógicos desenvolvidos, debruçou-se na observação direta que, de acordo com Quivy e Campenhoudt (1992), é aquela em que “o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados” (p. 165), agarrando os comportamentos e as atitudes no momento em que eles ocorrem.

Paralelamente a toda esta fase de observação o estagiário tem, ainda, acesso a diversos documentos, nomeadamente, o Projeto Educativo de Escola (PEE), o Projeto

Curricular de Turma/Grupo (PCT/G), o Plano Anual de Atividades (PAA) e os processos individuais das crianças/alunos que são instrumentos indispensáveis para o conhecimento, quer dos alunos, quer de toda a dinâmica da escola.

No que diz respeito à planificação, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) defendem que

Planear implica que o professor reflecta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização. O planeamento do ambiente educativo permite às crianças explorar e utilizar espaços, materiais e instrumentos colocados à sua disposição, proporcionando-lhes interacções diversificadas com todo o grupo, em pequenos grupos e entre pares, e também a possibilidade de interagir com outros adultos. Este planeamento terá em conta as diferentes áreas de conteúdo e a sua articulação, bem como a previsão de várias possibilidades que se concretizam ou modificam, de acordo com as situações as propostas das crianças (p. 26).

Deste modo, ao planificar, o educador/professor orienta o seu trabalho e a sua ação, nunca esquecendo que as escolhas se devem adequar às necessidades do grupo/turma e que as atividades planificadas devem articular todas as áreas do currículo, ao mesmo tempo que, deve ser capaz de prever situações inesperadas que possam surgir no decorrer da prática pedagógica. Assim, a planificação é um instrumento de apoio ao educador/professor que tem como objetivo nortear o seu trabalho, devendo esta ter um carácter flexível podendo ser reajustada tendo em conta os interesses e necessidades do grupo/turma. Corroborando esta ideia, Vilar (1993, p. 15, cit. por Teves, 2013), afirma que “a planificação, sendo um instrumento de clarificação e gestão das opções e prioridades educativas assumidas em determinado momento, não pode ser encarada como uma actividade estática, porque, constituindo um instrumento [político] que incide sobre a realidade, nunca pode ser definitivo” (p. 19).

Neste sentido, ao realizar as atividades planificadas, o docente pode reconhecer que, por um lado, estas não estão a ter o resultado pretendido ou que a atividade não está a captar o interesse das crianças, sendo necessário modificar alguma estratégia, ou, por outro lado, a atividade suscitar bastante interesse, que seja necessário adiar a outra atividade que estava prevista.

Nesta ordem de ideias e realçando a opinião de Dias (2009) “planificar e tomar decisões são funções imprescindíveis ao seu desempenho profissional e à eficácia na gestão do grupo de crianças/alunos” (p. 29).

Outra das grandes competências básicas no processo de ensino é a avaliação. As suas práticas são um elemento essencial no decurso do processo de ensino-aprendizagem porque permitem uma constante apreciação de cada aluno. Para proceder a essa avaliação, o professor tem de ter um conhecimento bastante exaustivo sobre cada um em particular e sobre o grupo/turma em geral. É necessário haver um acompanhamento diário, contínuo e sistemático, do desenvolvimento do aluno em cada atividade pois, de acordo com Ribeiro (1997), a avaliação é um processo que “pretende acompanhar o progresso do aluno, ao longo do seu percurso de aprendizagem, identificando o que já foi conseguido e o que está a levantar dificuldades, procurando encontrar as melhores soluções” (p. 75).

Ainda a este respeito, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) referem que a avaliação pretende adequar o processo educativo às necessidades das crianças possibilitando uma reflexão acerca da progressão das aprendizagens das mesmas.

Na mesma ordem de ideias, o Currículo Regional da Educação Básica (2011), enfatiza que a avaliação “constitui um elemento e um processo fundamental no desenvolvimento curricular, sendo uma componente intrínseca do mesmo” (p. 37).

A avaliação não é um processo que envolve apenas os alunos mas sim, também, ao educador/professor pois serve de suporte ao mesmo na aquisição dos objetivos e na tomada de decisões. Assim, este processo de avaliação “corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantam dificuldades” (Ribeiro e Ribeiro, 1989, p. 337).

Para uma maior eficácia no processo de avaliação, o docente pode recorrer a diferentes instrumentos de avaliação, como grelhas de avaliação e/ou listas de verificação que permitam obter um conhecimento mais aprofundado da evolução da aprendizagem do grupo/turma. Acerca da utilização de instrumentos de avaliação, Serpa (2010) realça que, embora tenhamos de “enquadrá-los nos objectivos e funções a que se destinam, estes constituem ferramentas imprescindíveis do acto avaliativo” (p. 260).

Em suma, a avaliação é uma componente fundamental em todo o processo educativo, cujo objetivo é apurar de que forma as aprendizagens dos alunos são

apreendidas, sendo considerado um processo integrado e contínuo em todas as práticas de ensino-aprendizagem.

No que concerne à tarefa da reflexão é importante aludir que o ato de refletir sobre a prática pedagógica é o ponto de partida para melhorar práticas futuras. Neste sentido, e sabendo que a avaliação é parte integrante da prática educativa, é essencial que, durante a ação pedagógica, existam momentos de reflexão para apreciar o que foi feito e os aspetos a melhorar. Na perspetiva de Dias (2009), “refletir significa meditar, cogitar, ponderar, considerar, absorver-se, pensar; o voltar da consciência sobre o seu próprio conteúdo. A reflexão implica consciencialização do vivido, do apreendido, do sentido, do experienciado” (p. 32).

Ainda a este respeito e segundo o mesmo autor, refletir sobre a prática “será um processo através do qual o indivíduo (ou um grupo) pensa sobre uma experiência, ideia, produto de trabalho ou aprendizagem; um olhar para trás, uma reconstrução que usualmente requer a linguagem e leva a uma revisão baseada no pensamento. Pressupõe questionar o quê, porquê e como uma aprendizagem se efectuou, implicando uma auto-avaliação na qual o indivíduo observa o que realizará da próxima vez para melhorar, estabelecendo objectivos para o futuro” (Dias, 2009, p. 32).

Já Zeichner (1993) enfatiza que “uma maneira de pensar na prática reflexiva é encará-la como a vinda à superfície das teorias práticas do professor, para análise crítica e discussão. Expondo e examinando as suas teorias práticas, para si próprio e para os seus colegas, o professor tem mais hipóteses de se aperceber das suas falhas” (p. 21) pois, é pensando e refletindo na prática de hoje que se pode melhorar a prática de amanhã.

Deste modo, é essencial que o educador/professor reflita sobre “a eficácia da acção no sentido de aprofundar os processos e os resultados, os constrangimentos e os pontos fortes, a diversidade e os contextos da acção” (Roldão, 1999, p. 116), com o intuito de voltar a orientar a sua prática.

Contudo, o processo de refletir não é, de todo, tarefa fácil, especialmente para o estagiário, que se encontra em formação, na medida em que este é um processo exigente que se vai desenvolvendo ao longo da carreira docente pois, para se tornar num bom profissional, o educador/professor deve aprender a refletir sobre a sua prática para que possa haver um ensino e uma aprendizagem eficazes.

Importa também reforçar a ideia de que não é só o educador/professor que deve refletir, também as crianças o devem fazer pois é deveras importante que estas

aprendam a refletir sobre as suas ações, para que possam ter uma participação ativa no seu próprio crescimento e desenvolvimento.

### 2.3. O Projeto Formativo Individual como elemento norteador da ação

De acordo com Serrano (2008, p. 16, cit. por Dias, 2013) “um *projecto* é um avanço antecipado das ações a realizar para conseguir determinados objetivos. (...) Tem como missão *prever, orientar e preparar* bem o caminho do que se vai fazer, para o seu posterior desenvolvimento”, além de que, “envolve uma articulação entre intenções e ações, entre teoria e prática, organizada num plano que estrutura essas ações” (Cortesão, Leite e Pacheco, 2001, p. 25).

Deste modo, o Projeto Formativo Individual, para além de “assumir a forma de um projeto de investigação, que coloque o formando numa real situação de formação e possibilite, ao mesmo tempo, o controlo dos métodos utilizados” (Estrela, 1994, p. 12), tem como principal objetivo apoiar a prática pedagógica na medida em que, este “aparece a propósito de uma ação específica, não repetitiva, com carácter eventualmente experimental, implicando uma estrutura particular, inédita, de operações que permitem realizá-lo e para a qual os actores implicados não dispõem, portanto, de uma imagem prévia dessa estrutura de operações” (Barbier, 1993).

Tendo por base os pressupostos supramencionados e, no âmbito dos estágios pedagógicos em contexto de Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, elaboraram-se dois projetos como elementos orientadores da prática, que se revelaram instrumentos de bastante relevância pois permitiram a pesquisa de informação, fundamental para um maior conhecimento e uma melhor integração dos estagiários nos contextos das práticas pedagógicas.

Com a elaboração destes projetos, cada formando teve a oportunidade de aprofundar os seus conhecimentos relativamente aos contextos de intervenção para conseguir definir metodologias e macro-estratégias a adotar no decorrer do estágio. Todavia, importa salientar que estes projetos foram elaborados como sendo documentos flexíveis, passíveis de serem alterados, a fim de dar resposta a eventuais situações que possam surgir. Assegurando esta ideia, Guislain (1994) refere que, aquando da concretização de um projeto educativo, este, possivelmente, irá “sofrer adaptações, mudanças ao longo de toda a ação cujo desenvolvimento é impossível de prever a cem por cento” (p. 10).

Assim, caso surjam novas informações acerca das dificuldades e interesses das crianças/alunos, é possível reformular e atualizar o projeto ajustando a nossa ação em função das necessidades das mesmas.

## **2.4. O Estágio Pedagógico**

O Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico contemplou dois estágios pedagógicos. O primeiro em contexto de Educação Pré-Escolar e o segundo em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico. É sobre estes dois contextos que nos debruçaremos de seguida.

### **2.4.1. Estágio Pedagógico em contexto da Educação Pré-Escolar**

#### **Caraterísticas dos contextos de intervenção**

##### **O meio**

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “a própria inserção geográfica do estabelecimento de ensino tem influência na educação das crianças. As características desta(s) localidade(s) – tipo de população, possibilidades de emprego, rede de transportes, serviços e instituições existentes, meios de comunicação, etc. – não são também independentes de sistemas mais vastos e englobantes” (p. 33).

Assim, é fundamental ter em consideração o meio onde a criança está inserida de modo a perceber que recursos a comunidade dispõe. A escola onde foi realizado o estágio pedagógico em contexto da Educação Pré-Escolar pertence ao Concelho de Ponta Delgada.

Relativamente à atividade económica ressalta a presença de diversas indústrias e serviços.

No entanto, no decorrer da prática pedagógica, não foi possível desenvolver experiências que permitissem às crianças ter um contato direto com o meio envolvente na medida em que, as saídas da instituição eram sempre complicadas pelo facto de não haver disponibilidade de transporte. Neste sentido, apenas foi privilegiado o recreio, no que diz respeito a espaço exterior, pois este, devido às suas potencialidades e oportunidades educativas é, também, um espaço propício às aprendizagens das crianças.

### **A escola**

A escola onde foi realizado o Estágio Pedagógico I é um dos seis estabelecimentos de ensino de Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico integrante de uma das Escolas Básicas Integradas do concelho de Ponta Delgada. Este estabelecimento de ensino funcionava das 08h30 às 16h30 e as aulas decorrem das 09h00 às 15h45, sendo que, os grupos do Pré-Escolar terminam às 15h00, havendo interrupção para almoço das 12h30 às 13h30 e para intervalo das 10h30 às 11h00. No mesmo, existe um ATL que inicia as suas atividades das 14h30 às 18h00.

O referente estabelecimento escolar é composto por um único edifício de tipologia P3 inaugurado no ano de 1988.

Dispõe de dezasseis salas de aula bem como de diversas estruturas de apoio divididas em três blocos – o azul, o amarelo e o verde, onde funcionam as salas do pré-escolar, o refeitório, o ginásio e a cozinha.

Durante o estágio pedagógico, o núcleo contava com trinta e três crianças no Jardim de Infância distribuídas por dois grupos, um com dezoito crianças, uma com necessidades educativas especiais e outro com 15 crianças.

### **A sala de atividades**

A sala 2 do Jardim-de-Infância onde decorreu a prática pedagógica funcionava no rés-do-chão do bloco verde do edifício. Apresentava um espaço amplo, possuindo três janelas grandes que dão para o exterior, permitindo a entrada de luz e um bom arejamento da mesma.

O espaço estava dividido em nove áreas de atividades, o cantinho do acolhimento (tapete) / jogos do tapete, a área da biblioteca, a área dos jogos de mesa, a área do desenho, pintura, recorte e colagem, a área da garagem, a área da casinha/ loja, área das ferramentas e a área da plasticina.

Ao entrar na sala, à direita, encontrava-se o cantinho do acolhimento. Este possuía um tapete e as almofadas de cada criança, os quadros de presença e comportamento bem como o relógio do tempo. Era neste espaço que as crianças se reuniam no início de cada sessão e após o intervalo e o almoço. Aqui fazia-se o acolhimento matinal bem como atividades em grande grupo (cantar, contar histórias, jogos de tapete, etc.)

Do lado direito do “tapete” encontrava-se o cantinho da biblioteca. Este permitia que as crianças despertassem o gosto pelos livros e pela leitura, a comunicação e o seu vocabulário.

A área dos jogos estava dividida em duas zonas, a primeira numa das mesas ao lado da biblioteca (jogos de mesa) e a segunda no tapete (jogos de tapete, dedicada aos jogos de construção). A área de trabalho (desenho, pintura, recorte e colagem) e a área da plasticina situavam-se perto da área dos jogos de mesa.

Junto da área de trabalho, encontrava-se o cantinho da garagem, onde as crianças podiam explorar o jogo simbólico.

A área da casinha/loja encontrava-se de frente para a porta de entrada. Esta área promovia a socialização, a imitação e o desenvolvimento da linguagem.

Por fim, a área das ferramentas, que se encontrava junto da secretária com o computador que, por sua vez, estava situada perto da porta de entrada da sala.

É importante referir que, cada área possuía um número estipulado de crianças, de modo a que houvesse um ambiente harmonioso dentro da sala. A figura que se segue ilustra a estrutura e organização da mesma (ver figura 3).

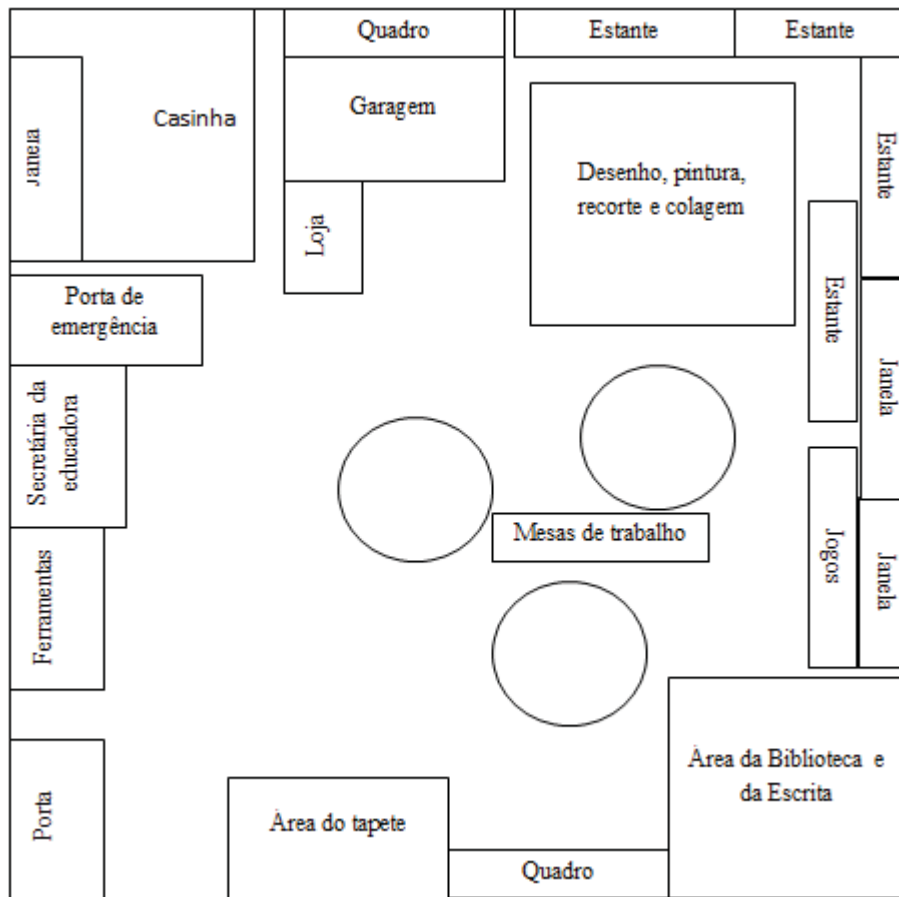


Figura 3 – Planta da sala do Pré-Escolar

## O grupo

O grupo, constituído por 18 crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos, uma delas com NEE, era bastante heterogéneo, uma vez que se encontrava em diferentes níveis de aquisição e aprendizagem.

Quanto à assiduidade, de uma maneira geral, o grupo era assíduo, justificando as suas faltas quando necessário. No que concerne à dinâmica de sala de atividades, apesar de o grupo apresentar diferentes níveis de desenvolvimento, era ativo e participativo, demonstrando interesse em realizar as atividades. No entanto, havia, quase sempre, uma ou outra criança que revelava menos interesse em realizar algumas das atividades propostas.

É importante salientar que as regras da sala eram conhecidas por todas as crianças e que, na maior parte das vezes, eram cumpridas e respeitadas.

Fazendo uma análise global do grupo pode-se referir que, ao nível da Formação Pessoal e Social, eram crianças que realizavam autonomamente a sua higiene. Quanto à Socialização, o grupo estabelecia uma boa relação entre si e com a educadora, pedindo ajuda sempre que era necessário.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, algumas crianças apresentavam um vocabulário reduzido mas, quando estimulados, conseguiam utilizar vocabulário novo.

Apesar de ser um grupo bastante heterogéneo, a maioria das crianças conseguia, dentro do Domínio da Matemática, reconhecer os números até 10, bem como contar corretamente o número de crianças presentes na sala.

A área das Expressões era a área de eleição do grupo, tendo em conta que gostavam de cantar e aprender músicas novas, de desenvolver atividades de Expressão Motora e de Expressão Plástica como recortar, colar, desenhar e pintar, pois era uma oportunidade para por “as mãos na massa”. A Expressão Dramática estava presente no dia-a-dia das crianças, quando iam para os diferentes cantinhos e representavam algum papel (por exemplo no cantinho da casinha quando imitavam a mãe).

## **Metodologias e Avaliação**

Em qualquer trabalho de investigação, o investigador “(...) precisa de utilizar instrumentos que lhe permitam reter aquilo que é preciso conservar do material a recolher ou já recolhido e que vai servir como documentação de apoio na realização do trabalho científico” (Dias, 1999, cit. por Dias, 2013).

Para este grupo de crianças, proporcionaram-se diversos momentos lúdicos, com o intuito de desenvolver com as mesmas várias competências, recorrendo a recursos audiovisuais, como vídeos, músicas e imagens, jogos e materiais didáticos e, assim, transmitir ao grupo novos conhecimentos de forma lúdica que despertassem e cativassem o interesse e motivação na realização das atividades.

Como tal, fez todo o sentido avaliar os conhecimentos adquiridos ao longo do processo, refletindo sobre o que foi feito pois, de acordo com Capucha (2008) “A avaliação consiste, resumidamente, no processo sistemático de pesquisa, questionamento e reflexão através do qual as pessoas e as instituições envolvidas ou interessadas no projecto pensam criticamente sobre os objectivos planeados (...), aprendem com o que estão a fazer e apreciam quer a qualidade da intervenção, quer os resultados produzidos”.

Nesta ordem de ideias, Bach (1991), refere que a avaliação é “Tempo de paragem retrospectiva, que permite compreender o que foi realizado, e tempo de paragem prospectiva, que orienta ou reorienta o que vai ser realizado” (p. 223).

Deste modo, para a avaliação, recorreu-se à observação direta, observação indireta, baseada nos registos fotográficos e nos registos diários, listas de verificação e reflexões efetuadas no final de cada intervenção pedagógica, com o intuito de perceber se aquilo que foi proposto foi concretizado com sucesso.

## **Ação educativa no contexto da Educação Pré-Escolar**

Este ponto do trabalho contempla uma análise global das atividades realizadas no âmbito do Estágio Pedagógico I. Deste modo, o quadro que se segue apresenta todas as atividades planificadas e implementadas durante as intervenções bem como as diversas áreas e domínios de conteúdo trabalhados (ver quadro I). As atividades sombreadas são aquelas que nos propomos refletir de forma mais aprofundada.

Quadro I – Síntese das atividades desenvolvidas em contexto de Educação Pré-Escolar

Calendarização			Áreas/Domínios de conteúdo								
Intervenção	Data	Atividade	Formação Pessoal e Social	Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	Matemática	Conhecimento do Mundo	Expressão Plástica	Expressão Dramática	Expressão Musical	Expressão Motora	
1.ª Intervenção	5 de outubro	1.ª	■		■				■		
		2.ª		■			■				
		3.ª			■	■					
		4.ª					■				
	6 de outubro	5.ª	■		■					■	
		6.ª									■
		7.ª		■		■					
		8.ª	■			■					
	7 de outubro	9.ª	■		■					■	
		10.ª						■			
2.ª Intervenção	19 de outubro	11.ª	■		■				■		
		12.ª		■			■				
		13.ª		■		■					
		14.ª				■		■			
	20 de outubro	15.ª	■		■					■	
		16.ª									■
		17.ª		■		■					
		18.ª				■					
	21 de outubro	19.ª	■		■					■	
		20.ª				■					
21.ª					■						
3.ª Intervenção	2 de novembro	22.ª	■		■				■		
		23.ª		■			■				
		24.ª		■			■				
		25.ª	■			■					
	3 de novembro	26.ª	■		■					■	
		27.ª									■
		28.ª			■						
		29.ª				■					
	4 de novembro	30.ª	■		■					■	
		31.ª		■	■						
		32.ª		■							
		33.ª	■						■		
		34.ª	■		■					■	
5 de novembro	35.ª				■						
	36.ª				■						
	37.ª	■		■					■		

Capítulo II – O Estágio Pedagógico na Formação Inicial de Professores

	novembro	38. <sup>a</sup>								
		39. <sup>a</sup>								
		40. <sup>a</sup>								
4. <sup>a</sup> Intervenção	23 de novembro	41. <sup>a</sup>								
		42. <sup>a</sup>								
		43. <sup>a</sup>								
	24 de novembro	44. <sup>a</sup>								
		45. <sup>a</sup>								
		46. <sup>a</sup>								
	25 de novembro	47. <sup>a</sup>								
		48. <sup>a</sup>								
		49. <sup>a</sup>								
5. <sup>a</sup> Intervenção	30 de novembro	50. <sup>a</sup>								
		51. <sup>a</sup>								
		52. <sup>a</sup>								
	1 de dezembro	53. <sup>a</sup>								
		54. <sup>a</sup>								
		55. <sup>a</sup>								
	2 de dezembro	56. <sup>a</sup>								
		57. <sup>a</sup>								
		58. <sup>a</sup>								
	3 de dezembro	59. <sup>a</sup>								
		60. <sup>a</sup>								
		61. <sup>a</sup>								
4 de dezembro	62. <sup>a</sup>									
	63. <sup>a</sup>									
	64. <sup>a</sup>									
6. <sup>a</sup> Intervenção	7 de dezembro	65. <sup>a</sup>								
		66. <sup>a</sup>								
		67. <sup>a</sup>								
	9 de dezembro	68. <sup>a</sup>								
		69. <sup>a</sup>								
		70. <sup>a</sup>								
7. <sup>a</sup> Intervenção	14 de dezembro	71. <sup>a</sup>								
		72. <sup>a</sup>								
		73. <sup>a</sup>								
	15 de dezembro	74. <sup>a</sup>								
		75. <sup>a</sup>								
16 de dezembro	76. <sup>a</sup>	Festa de Natal								

No âmbito da Educação Pré-Escolar, realizamos um total de 76 atividades nas diferentes áreas curriculares. Para uma melhor compreensão da informação apresentada no quadro, foi atribuída uma cor a cada área/domínio de conteúdo.

A primeira intervenção, que decorreu nos dias 5, 6 e 7 de outubro, teve como tema *O outono*. Nesta intervenção, desenvolveram-se diferentes competências explorando várias áreas de conteúdo, destacando-se a atividade realizada no âmbito da área da Expressão e Comunicação, domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, interligada com a área do Conhecimento do Mundo, em que, a partir da leitura da história *A Magia da Estrela de Outono* abordou-se o valor da amizade. Neste sentido, durante o diálogo e reflexão sobre “o que é um amigo”, “as características de um bom amigo”, “o que se pode fazer com os amigos” e “porque é que é importante ser amigo”, foi possível registar tudo o que as crianças disseram, para que estas pudessem colocar as suas ideias junto dos novos amigos “Sebastião e Rita” (dois bonecos feitos em EVA) que passaram a ser presença assídua na sala.

Começar por trabalhar o valor da amizade foi uma mais-valia e um ponto de partida para a abordagem de outros valores, tendo em conta que, durante as suas brincadeiras livres, as crianças foram percebendo o quanto este valor era importante pois deixaram de brincar tanto sozinhos.

Além desta, também foram explorados os frutos do outono. Desta forma e, para que as crianças se divertissem com a atividade foram mostradas várias imagens dos diferentes frutos da época, bem como o próprio fruto, para que as crianças tivessem a oportunidade de ver, tocar e provar.

Relativamente à segunda intervenção, que decorreu nos dias 19, 20 e 21 de outubro, a temática trabalhada foi *Higiene e Segurança*, inserida na área do Conhecimento do Mundo. Assim, foram apresentadas atividades que promoveram o alargamento dos saberes básicos acerca da higiene e segurança, começando na higiene com os alimentos, passando pela higiene pessoal chegando até à segurança em casa e por fim a segurança rodoviária.

Para garantir o entusiasmo e interesse das crianças, recorreu-se, em grande parte, à visualização de vídeos, entoação de canções e construção de cartazes, para que as aprendizagens fossem mais divertidas possibilitando, também, a integração das novas tecnologias pois, tal como afirma Henriques (2001) “(...) actividade lúdica é o melhor

suporte para a aprendizagem e para o desenvolvimento em geral, tanto afetivo quanto social” (p. 14).

Uma das atividades que resultou muito bem nesta intervenção foi o “faz de conta” pois, além de ser extremamente importante no desenvolvimento da criança, é através destas atividades que a criança se pode exprimir e recriar uma série de personagens, desde o imitar a mãe, até ao imitar o bombeiro, por exemplo.

A terceira intervenção teve lugar na semana de 2 a 6 de novembro, tendo por base o livro *O Cuquedo* e a temática dos animais selvagens. Nesta semana, as áreas privilegiadas foram a área da Expressão e Comunicação, a área do Conhecimento do Mundo e a área da Formação Pessoal e Social. Dentro da área da Expressão e Comunicação, salientam-se a Expressão Plástica, Dramática e Motora, o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e o domínio da Matemática.

No contexto desta intervenção, destacam-se as atividades relacionadas com a Expressão Plástica (partindo da leitura da história, elaborar o desenho “se eu fosse o cuquedo, seria...”) pois, através deste tipo de expressão, a criança pode “aprender por si, desenvolver os seus próprios juízos e formar os seus próprios valores, motivando-a e estimulando-a nesses propósitos” (Sousa, 2003a, p. 159).

A Expressão Dramática (dramatização da nova história elaborada pelas crianças com recurso a fantoches) foi outro dos domínios abordados esta tarefa uma vez que, as atividades relacionadas com este tipo de expressão devem ser encaradas como algo intermediário e mediador da transmissão de conhecimento que se tornarão enaltecidas para a criança pois, “(...) ajuda-a eficazmente no seu processo de desenvolvimento bio-psico-sócio-motor, pondo em jogo a sua expressividade, a sua criatividade e a sua consciência de valores ético-morais e estéticos, ao mesmo tempo que a ajuda na sua relação social, dado que as actividades de expressão dramática em grupo implicam a cooperação de todos os membros, unindo as suas acções para conseguirem o fim comum” (Sousa, 2003, p. 33). Além disso, com estas atividades reforçaram-se os valores de amizade e respeito entre pessoas e animais, valores estes que estão sempre presentes no dia-a-dia e que, muitas vezes, não são devidamente honrados.

Na quarta intervenção, desenvolvida nos dias 23, 24 e 25 de novembro, a área foco foi o Conhecimento do Mundo, com a exploração da temática *A Família*. Contudo, houve a preocupação de articular todas as áreas do saber uma vez que, “as diferentes áreas de conteúdo deverão ser consideradas como referências a ter em conta no planeamento e avaliação de experiências e oportunidades educativas e não como

compartimentos estanques a serem abordados separadamente” (Ministério da Educação, 1997, p. 48).

Neste seguimento, e com recurso a um powerpoint, explorou-se a temática mostrando que todos têm família mas que as famílias não são todas iguais, que “cada criança tem uma família – pais ou seus substitutos – que é diferente – composição, características sócio-económicas e culturais (...)” (Ministério da Educação, 1997, p. 32). Para que cada criança ficasse com o seu “retrato de família” foi elaborado um desenho, realçando aqui a família através da Expressão Plástica que, de acordo com Sousa (2003b) “é essencialmente uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades” (p. 160).

No âmbito desta temática e, sabendo que, nos dias de hoje, deve haver cada vez mais respeito pela diferença, a história “Meninos de todas as cores” de Luísa Ducla Soares, serviu de mote introdutório para o valor da igualdade na medida em que, “é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... (...)” (Abramovich, cit. por Rocha, Sousa & Rocha, 2009).

As três últimas intervenções, que decorreram durante o mês de dezembro, tiveram como tema integrador *O Natal*. Para a abordagem deste tema teve-se em consideração as ideias das crianças como ponto de partida para as novas aprendizagens pois, é imprescindível que as atividades partam de contextos que são próximos das crianças, de modo a assegurar que as aprendizagens sejam significativas e que lhes despertem a curiosidade e o interesse, pois quando as são desafiadas a procurar respostas a situações que lhe são familiares envolvem-se de forma mais profunda nas atividades. Além disso, partir das conceções que as crianças têm sobre um determinado assunto, facilita a adequação da intervenção pedagógica.

Assim, a entoação de músicas de natal, a decoração da sala, a construção do presente de natal (anjo), a construção de um mega postal para a exposição realizada na Escola Básica Integrada e a preparação da festa de Natal foram os grandes trabalhos destas últimas semanas.

Neste sentido, estiveram em destaque a Expressão Plástica, que oferece à criança a oportunidade de imaginar, criar e de se exprimir, na medida em que “(...) todas as crianças gostam de se exprimir por intermédio de formas e cores” (Dewey, 2002, p. 45) e a Expressão Musical.

Uma vez que a música é uma expressão fundamental no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, “o canto, na criança, é mais que uma simples imitação, e desperta nela qualidades musicais congénitas ou hereditárias: sentido do ritmo, da escala, dos acordes, até mesmo da tonalidade, etc.” (Willems, 1970, p. 21).

Ainda no contexto desta temática, explorou-se o valor da partilha, tão propício desta época do ano, valor este tão ou mais importante que tantos outros, essenciais para a formação do ser humano por serem “fios que compõe a teia de sentidos que suporta a vida” (Fonseca, 2011, p. 69).

Em suma, tentou-se desenvolver atividades lúdicas que possibilitassem aprendizagens ativas e significativas por parte das crianças, recorrendo a estratégias diversificadas tendo em conta as necessidades do grupo, o que permitiu manter o interesse e entusiasmo das crianças nas atividades propostas.

Para além de todas estas atividades, realizámos também uma entrevista à educadora cooperante com vista a perceber as suas conceções acerca da temática, comparando o que foi observado no início do estágio com as respostas dadas.

Neste sentido, podemos referir que ao nível do Pré-Escolar não houve grandes discrepâncias entre o observado e aquilo que foi relatado pela entrevistada, ao contrário do 1.º Ciclo onde se pôde verificar uma maior discrepância.

Ao nível do Pré-Escolar pudemos verificar que, em ambiente educativo, ambas as áreas são valorizadas, a educação de valores de forma mais implícita pois, de acordo com a educadora “a educação de valores está implícita em todas as áreas de trabalho. Quando nós estamos a valorizar a amizade, quando estamos a valorizar a partilha, a partilha dos materiais na sala, o partilhar as brincadeiras, o saber cooperar, também estamos a partilhar imensos valores, portanto eles estão em todas as áreas e não é preciso pensar muito para que eles aconteçam” e as expressões de forma mais explícita pois está presente praticamente no dia-a-dia escolar, “cantar a música todos os dias, a expressão dramática não é todos os dias, mas é várias vezes e sempre de uma forma integradora. Se estivermos a trabalhar um tema ou se estivermos a trabalhar qualquer atividade que consiga reportar essa temática para essa área e que todas são possíveis, aí sim.”

Além disso, a educadora E referiu também que é possível promover a Educação de Valores através das Expressões Artísticas pois “se nós gostarmos das expressões artísticas, então ela serve de estratégia para a educação de valores”. A este propósito pudemos constatar que, durante o período de observação, vários foram os momentos em

que, através da música, da plástica ou da imitação, valores como o respeito, a partilha e a amizade estavam eminentes na sala e no dia-a-dia das crianças.

Depois de descrito, em traços gerais, o contexto em que se desenvolveu o Estágio Pedagógico I, interessa-nos apresentar igualmente as atividades realizadas no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

É o que nos propomos desenvolver de seguida.

#### **2.4.2. Estágio Pedagógico em contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

##### **Caraterísticas dos contextos de intervenção**

###### **O meio**

De acordo com o Programa do Estudo do Meio, “o meio local, espaço vivido, deverá ser objecto privilegiado de uma primeira aprendizagem metódica e sistemática da criança já que, nestas idades, o pensamento está voltado para a aprendizagem concreta” (Programa do Estudo do Meio, 2004, p. 101).

Assim, o meio onde a criança se insere é um fator crucial pois, através do seu estudo é possível conhecer quais os recursos que a comunidade oferece. A escola onde realizámos o estágio pedagógico no 1.º Ciclo do Ensino Básico pertence à Unidade Orgânica de uma das Escolas Básicas Integradas do Concelho de Ponta Delgada. Esta instituição encontra-se bastante próxima de diversos locais, instituições e entidades possíveis de serem visitados que, do ponto de vista interdisciplinar, beneficiaram de um conjunto de recursos que contribuíram para a aprendizagem dos alunos.

Neste sentido, destaca-se a importância dos locais que serviram de apoio à prática pedagógica, no sentido de dar a conhecer aos alunos o meio envolvente da escola uma vez que, “a organização do ambiente educativo na relação com o meio envolvente constitui o suporte do desenvolvimento curricular” (Ministério da Educação, 1997, p. 22).

Sendo a escola cada vez mais responsável pela educação das suas crianças, é importante referir que o espaço exterior ao estabelecimento de ensino é, também, um espaço educativo e que, devido às suas potencialidades e oportunidades educativas, foi, também, privilegiado para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

No decorrer da prática pedagógica, desenvolveram-se experiências que permitiram aos alunos ter um contato direto com o meio envolvente, promovendo, assim, algumas visitas de estudo às instituições supramencionadas, com o intuito de lhes

proporcionar um melhor aprofundamento dos conhecimentos para que estes fortalecessem as suas aprendizagens de um modo significativo.

### **A escola**

Esta é uma instituição educativa pública que abarca dois níveis de ensino, a Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico.

No nosso ponto de vista, apresentava condições necessárias para o seu bom funcionamento e, apesar do grande número de crianças que a frequentava, as condições e o ambiente eram propícios à aquisição das aprendizagens, zelando, em primeiro lugar, pelo bem-estar dos alunos.

Do ponto de vista arquitetónico, esta escola é constituída por três edifícios, dois deles pertencentes ao Plano dos Centenários e um terceiro, que assume uma estrutura do tipo P3. O primeiro edifício possui dois blocos compostos por oito salas de aulas cada (quatro por cada bloco, sendo duas no rés do chão e duas no 1.º andar), todas destinadas ao 1.º Ciclo, um hall, sala de professores e instalações sanitárias, adaptadas para alunos com Necessidades Educativas Especiais. O segundo edifício, ainda de plano centenário, funciona como cantina.

Por último, havia ainda um edifício de tipologia P3, com 8 salas de aula, cinco gabinetes para Apoio Educativo e Apoio do Ensino Especial, ginásio, refeitório e instalações sanitárias. É neste edifício que funciona a Educação Pré-Escolar e o 1.º ano do Ensino Básico.

Relativamente ao espaço exterior, este é constituído por áreas abertas e livres para recreio dos alunos, um campo de jogos, um parque infantil e alguns espaços verdes.

### **A sala de atividades**

A organização do espaço educativo, em contexto de ensino-aprendizagem é bastante importante, pois influencia tudo o que a criança faz e como faz, as suas ações e interações. É de salientar que as crianças aprendem melhor quando integradas num

ambiente organizado, permitindo-as atuar de forma autônoma e independente no ambiente educativo que as rodeia.

A sala de aula onde decorreu a prática pedagógica funcionava no 1.º andar da escola. Inicialmente, as mesas de trabalho estavam dispostas de modo individual mas, em concordância com a professora cooperante optou-se por reorganizar o espaço educativo, dispondo as mesas em pares de modo a promover o trabalho cooperativo entre os alunos.

Na parede lateral direita existem três janelas, o que proporcionava à sala bastante iluminação. Ao fundo, havia uma parede com armários e um lavatório, assim como a secretária da professora titular onde, encostada à mesma, a mesa com o computador. A parede lateral esquerda possui uma zona revestida com placards de cortiça que serviu para afixar trabalhos e/ou material de apoio aos alunos. Por fim, na parede onde se situa a porta de entrada, estão dois quadros verdes de giz. A figura que se segue ilustra a estrutura e organização da mesma (ver figura)

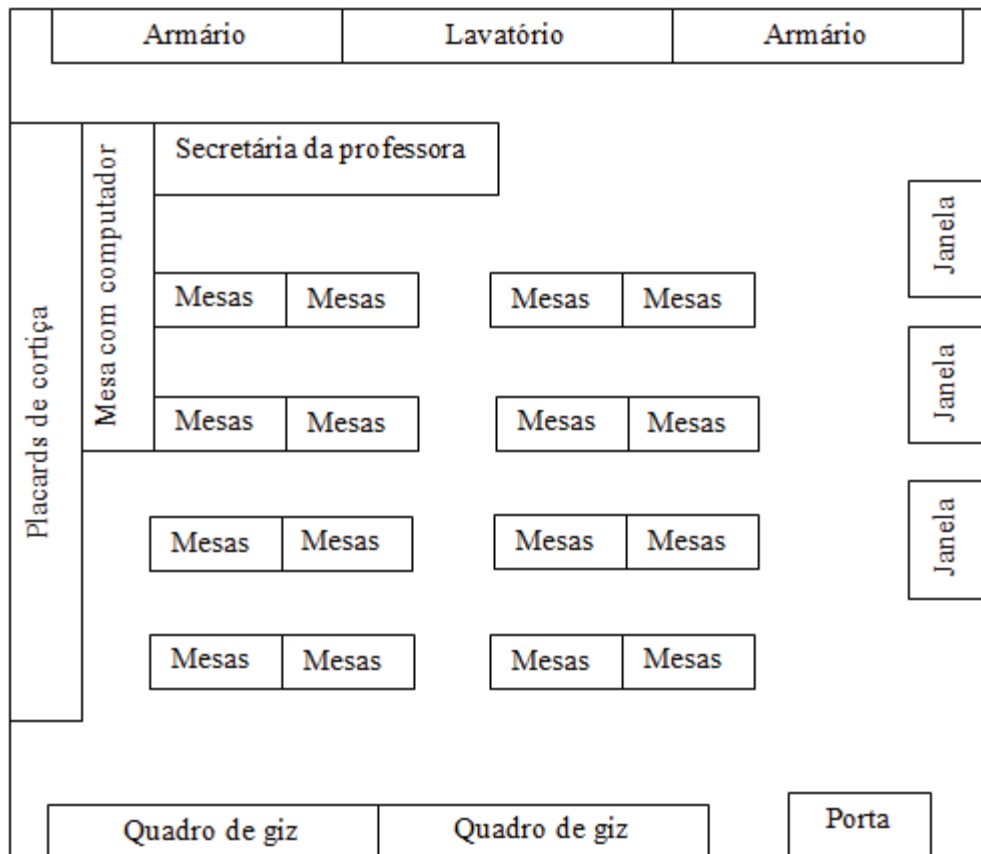


Figura 4 – Planta da sala do 1.º CEB.

### **A turma**

A turma era constituída por dezasseis crianças, com idades compreendidas entre os sete e os nove anos, sendo nove do sexo feminino e sete do sexo masculino. Desta turma, catorze alunos frequentavam o 2.º ano pela primeira vez e dois alunos da turma tinham retenções na escola, sendo elas no primeiro e segundo anos.

Além disso, da turma faziam parte um aluno com CEI (Currículo Educativo Individual), outro com ACI (Adequações Curriculares Individuais), ao nível do Português e da Matemática (sendo que nas outras áreas acompanhavam a restante turma) e outro aluno que, após avaliação especializada, ficou abrangido pelo REE (Regime de Educação Especial). Os dois primeiros alunos beneficiavam, ainda, de apoio pedagógico personalizado pelo núcleo de Educação Especial e o último de apoio educativo.

De um modo geral, a turma era assídua e pontual e os alunos revelavam um comportamento adequado ao contexto de sala de aula. Tinha um bom nível de interesse no desenvolvimento das atividades, o que conduziu a uma participação positiva por parte dos alunos. Por vezes, distraíam-se e eram um pouco faladores, o que conduzia à chamada de atenção para as regras dentro da sala de aula.

Durante as observações, foi possível verificar que, relativamente às áreas de conteúdo, era uma turma que revelava acentuadas dificuldades, quer no domínio da leitura e escrita (área do português), quer no domínio dos números e operações (área da matemática). Devido à sua heterogeneidade, a turma estava dividida em dois grupos: o grupo I, constituído por 13 alunos que trabalhavam os conteúdos do 2.º ano de escolaridade, e o grupo II, constituído por 3 alunos que, embora matriculados no 2.º ano de escolaridade, trabalhavam os conteúdos do 1.º ano, nas disciplinas de Português e Matemática e do 2.º ano nas restantes disciplinas. Na disciplina de Português, com o grupo II, estava a ser implementado o método global das 28 palavras.

### **Metodologias e Macro estratégias**

Para as diversas intervenções pedagógicas foi essencial ter em conta os diferentes tipos de métodos a utilizar. Segundo Pacheco (1999), tais métodos são “o caminho que se segue na realização da acção pedagógico-didáctica”, assim, foi necessário recorrer a diferentes formas de executar a nossa acção educativa uma vez que existem estratégias de atuação apropriados para uma determinada acção. Deste modo,

importa salientar as palavras de Pinheiro e Ramos (1988) que nos dizem que os métodos são o “modo de gestão da rede de relações que se estabelece entre o formador e o formando e o saber num contexto de formação” (p. 25).

Neste sentido, a escolha das metodologias de trabalho teve por base, acima de tudo, as características da turma, a natureza dos conteúdos a abordar e, por fim, os recursos disponíveis, tanto na escola, como na sala de aula. Além disso, é importante referir que um professor, na sua ação educativa, não se deverá basear em apenas uma escolha metodológica e sim utilizar diferentes métodos de ensino, pois os alunos “não aprendem todos da mesma maneira” (Pinheiro e Ramos, 1998, p.41), sendo necessário adequar estas metodologias às suas necessidades e aprendizagens. Neste seguimento, Haigh (2010) afirma que “não existe uma maneira certa única de ensinar, todas as abordagens têm valor. Temos de usar o equilíbrio de abordagens conforme foi apropriado, dependendo do conteúdo que queremos ensinar e a «prontidão» dos alunos” (p. 139).

Por esta razão, foram utilizados métodos expositivos, na transmissão oral de alguns conteúdos, utilizando recursos dinâmicos de modo a captar um maior interesse nos alunos, na medida em que, segundo Pinheiro e Ramos (1998), “os métodos expositivos são os métodos de transmissão oral de um determinado saber, informações, conteúdos, etc.. Qualquer exposição pode, no entanto, ser seguida de questões colocadas pelos formandos e das respostas do formador, ou por questões postas pelo formador ao auditório” (p. 28).

Os métodos interrogativos também foram utilizados, com o intuito de tornar os alunos agentes ativos da sua própria aprendizagem, ou seja, através do questionamento conseguimos perceber aquilo que já sabiam acerca de um determinado assunto pois, de acordo com Pinheiro e Ramos (1998), “com os métodos interrogativos pretende dar-se mais importância ao processo de pensamento independente e activo de quem aprende. Assumem especial importância as aptidões e técnicas de formulação de perguntas” (p. 30).

Por fim, o método ativo, que permitiu que o aluno estivesse em contacto com o concreto, isto é, através deste método, o aluno conseguiu observar, manipular e executar. Tendo em conta a opinião de Pinheiro e Ramos (1998), “consideram-se métodos de educação activa, os métodos em que o educando é o agente voluntário activo e consciente da sua própria educação” (p. 34).

Para além das metodologias já referidas, foi também necessário recorrer a estratégias que motivassem os alunos na aquisição de novas aprendizagens. Assim sendo, promoveu-se o trabalho cooperativo (trabalho a pares e em grupo); promoveu-se o diálogo e consequentemente a expressão oral; proporcionaram-se atividades diversificadas e dinâmicas; introduziu-se o PIT (Projeto Individual de Trabalho) com o intuito de desenvolver a autonomia e o sentido de responsabilidade. Além disso, recorreu-se à construção de recursos materiais com o objetivo de suscitar o interesse dos alunos e motivá-los para a aquisição de novas aprendizagens de uma forma dinâmica e prazerosa.

**Ação educativa no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico**

O quadro que se segue apresenta todas as atividades planificadas e implementadas durante as intervenções, bem como as diversas áreas e domínios de conteúdo trabalhados (ver quadro II). As atividades sombreadas são aquelas que nos propomos refletir de forma mais aprofundada.

Quadro II – Síntese das atividades desenvolvidas em contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Calendarização			Áreas/Domínios de conteúdo						
Intervenção	Data	Atividade	Português	Matemática	Estudo do Meio	Expressões Artísticas (Dramática)	Expressões Artísticas (Plástica)	Expressões Artísticas (Musical)	Cidadania
1.ª Intervenção	29 de fevereiro	1.ª							
	1 de março	2.ª							
	2 de março	3.ª							
2.ª Intervenção	7 de março	4.ª							
		5.ª							
	8 de março	6.ª							
		7.ª							
		8.ª							
	9 de março	9.ª							
		10.ª							
		11.ª							
		12.ª							
3.ª Intervenção	4 de abril	13.ª							
	5 de abril	14.ª							
		15.ª							
		16.ª							
	6 de abril	17.ª							
		18.ª							
	7 de abril	19.ª							
		20.ª							
		21.ª							
	8 de abril	22.ª							
23.ª									
24.ª									

4. <sup>a</sup> Intervenção	11 de abril	25. <sup>a</sup>							
		26. <sup>a</sup>							
	12 de abril	27. <sup>a</sup>							
		28. <sup>a</sup>							
	13 de abril	29. <sup>a</sup>							
30. <sup>a</sup>									
5. <sup>a</sup> Intervenção	3 de maio	31. <sup>a</sup>							
		32. <sup>a</sup>							
		33. <sup>a</sup>							
	4 de maio	34. <sup>a</sup>							
		35. <sup>a</sup>							
		36. <sup>a</sup>							
	5 de maio	37. <sup>a</sup>							
		38. <sup>a</sup>							
	6 de maio	39. <sup>a</sup>							
40. <sup>a</sup>									
6. <sup>a</sup> Intervenção	9 de maio	41. <sup>a</sup>							
		42. <sup>a</sup>							
	10 de maio	43. <sup>a</sup>							
		44. <sup>a</sup>							
		45. <sup>a</sup>							
	11 de maio	46. <sup>a</sup>							
		47. <sup>a</sup>							
48. <sup>a</sup>									

No âmbito do 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizou-se um total de 48 atividades nas diferentes áreas curriculares. Para uma melhor compreensão da informação apresentada no quadro, foi atribuída uma cor a cada área/domínio de conteúdo.

Ao longo de todas as intervenções, foram planificadas e realizadas atividades tendo em conta as características da turma, considerando os seus vários níveis de aprendizagem. Foram predominantes as áreas de Português, Matemática e Estudo do Meio, devido à necessidade de cumprimento do programa para o 2.º ano do Ensino Básico. De entre todas estas atividades, destacam-se, também, aquelas que estão ligadas à temática deste relatório.

Ao contrário do modo como foram trabalhados os conteúdos na Educação Pré-Escolar, no 1.º Ciclo do Ensino Básico não se partiu de temáticas, mas sim de focos que eram conceitos/princípios abrangentes, possíveis de ser trabalhados transversalmente e de forma integrada.

Assim sendo, na primeira intervenção, coadjuvada com a colega de núcleo, decorreu de 29 de fevereiro a 2 de março e teve como principais focos a autonomia, a participação e a entreajuda. Com estes focos pretendia-se que o aluno se tornasse autónomo na realização das atividades propostas e com uma participação ativa no decorrer das aulas para que pudesse expor as suas dúvidas e/ou conhecimentos, ao mesmo tempo que desenvolvia a sua oralidade. Quanto à entreajuda, pode salientar-se que foi também um fator de extrema importância uma vez que, aqueles alunos que conseguiam perceber com maior facilidade podiam ajudar os colegas nas tarefas propostas, o que conduziu a um ambiente propício a aprendizagens significativas para todos, além de desenvolver o espírito de equipa e o companheirismo entre a turma.

Neste seguimento, e tendo sempre por base os focos ambicionados, trabalhou-se, ao nível do Estudo do Meio, os seres vivos e o seu ambiente, mais especificamente as partes constituintes da planta. Houve a oportunidade de exploração de algumas plantas bem como a realização da experiência de germinação do feijão.

Na Matemática, o conceito de divisão, foi trabalhado partindo das ideias dos alunos sobre o conceito, passando à realização de divisões exatas com a utilização de objetos concretos. Os diagramas de Venn e Carrol foram, também, explorados e alinhados com os conceitos trabalhados em Estudo do Meio

No Português trabalhou-se o texto narrativo integrando-o, também com os conceitos de Estudo do Meio, recorrendo, deste modo, à interdisciplinaridade promovendo, ao mesmo tempo, aprendizagens de forma criativa, uma vez que “(...) Esta surge do próprio interior da escola onde, cada vez mais frequentemente e quase sempre sem o apoio, os professores tomam, eles próprios, a iniciativa de conceber e realizar experiências de integração” (Pombo, Guimarães e Levy, 1994, p. 4 cit. por Garcia, 2015, p. 92).

Na segunda intervenção, realizada de 7 a 9 de março, seguiu-se a mesma lógica de trabalho, partir de conceitos/princípios que pudessem ser trabalhados transversalmente com as diferentes áreas do currículo. Neste sentido, ao nível da Matemática deu-se continuidade ao que havia sido trabalhado na semana anterior

através de atividades práticas e concretas para que os conceitos de divisão, metade e terça parte ficassem interiorizados.

No Português trabalhou-se a leitura e interpretação de textos, a família de palavras e os sinais de pontuação (com recurso a um powerpoint).

A disciplina de Estudo do Meio foi trabalhada de forma integrada com a disciplina de Cidadania. Neste momento, foi feita uma primeira abordagem aos valores com o intuito de consciencializar os alunos sobre a importância dos mesmos para se viver em sociedade, bem como de dar a conhecer algumas regras de convivência social. Deste modo, explorou-se o recurso “O Coração dos Valores”. Partindo da apresentação de diversos valores pediu-se a cada aluno que refletisse sobre cada um dos valores apresentados e que escolhesse o que, para ele, era mais importante. Por fim, num momento de diálogo, cada aluno justificou a sua escolha e escreveu o seu valor no coração previamente afixado na sala. Os valores predominantes foram o amor e a amizade em que alguns alunos diziam “é importante sermos todos amigos”; “gosto muito dos meus amigos”.

Integrando os conteúdos das duas disciplinas, promoveu-se a interdisciplinaridade, transmitindo aprendizagens de forma ativa e criativa.

No âmbito das Expressões Artísticas trabalhou-se, nesta intervenção, a Expressão Dramática através de um jogo de exploração “explorando o meu corpo”. Nesta atividade, os alunos estavam dispostos aos pares pela sala, onde tinham de realizar movimentos livres em espelho, ou seja, um dos elementos do par explorava movimentos expressivos livres e o outro era o seu espelho. Com este jogo foi possível aos alunos descobrirem e explorarem as potencialidades expressivas do seu corpo bem como o respeito pelo outro.

Relativamente à terceira intervenção, correspondente à semana intensiva, realizada de 4 a 8 de abril trabalhou-se, na Matemática, as frações, com recurso ao jogo “dominó de frações” e a comparação de medidas e comprimentos, através da realização de medições de diferentes objetos utilizando unidades de medida não padronizadas (palmo, pé, borracha, etc.), numa primeira fase e, numa segunda fase, utilizando objetos de medida padronizados (metro articulado, régua, fita métrica). No Estudo do Meio, abordou-se as Instituições e Serviços. Para além da utilização do powerpoint para explorar os conteúdos, realizou-se, também, uma visita de estudo ao Quartel dos Bombeiros Voluntários.

Ao nível do Português trabalhou-se a leitura individual (tendo por objetivo avaliar a velocidade leitora) e interpretação de textos, bem como as classes de palavras e a estrutura da carta. Aquando da visita de estudo, os alunos elaboraram uma carta aos bombeiros voluntários para agradecer a disponibilidade e simpatia durante a visita. Por fim, os alunos realizaram um jogo da glória onde estavam presentes todos os conteúdos trabalhados até ao momento.

Relativamente às Expressões Artísticas, nesta semana predominaram a Expressão Dramática, com um jogo de exploração “sou uma marioneta”, com o intuito de dar aos alunos a oportunidade de conhecer o seu corpo, pois é importante que se criem oportunidades que possibilitem explorar as suas capacidades motoras e expressivas para que a criança se sinta cada vez mais à vontade com o seu próprio corpo, e a Expressão Musical, com a entoação da canção “Gosto de Flores”.

Para esta atividade foram formados dois grupos de forma a realizar um cânone a duas vozes (numa primeira fase os grupos cantaram com um verso de intervalo e, numa segunda fase, com dois versos de intervalo). Para terminar a atividade, a turma deslocou-se à sala do 1.º ano para uma pequena atuação.

Na quarta intervenção, nos dias 11, 12 e 13 de abril, tendo como focos a autonomia e cooperação trabalhou-se, apenas, o Português (velocidade leitora, interpretação de textos, estrutura da notícia e acentuação), a Matemática (revisão das medidas de comprimento e introdução ao perímetro com a construção de pentaminós) e o Estudo do Meio (meios de transporte, partindo das conceções dos alunos acerca do tema, finalizando com a realização de um crucigrama).

A quinta intervenção, que decorreu na semana de 2 a 6 de maio teve novamente como focos a autonomia e cooperação. Partindo destes focos trabalhou-se, na Matemática, a medida de tempo (horas) com a dinamização de um jogo digital e elaboração de um relógio analógico. No Estudo do Meio, os meios de comunicação. A exploração desta temática começou com um breve diálogo de modo a perceber as conceções prévias dos alunos, seguido da apresentação de um diaporama sobre a evolução dos meios de comunicação, terminando com uma atividade de agrupamento dos mesmos. No Português foi trabalhada a noção de verbo, conjugações e tempos verbais, dinamizando a atividade com a apresentação de cartões representativos de diversas ações do quotidiano e, foi explorado o e-mail. Nesta última atividade, os alunos criaram um e-mail de turma com o intuito de responderem ao convite previamente feito por uma colega para a apresentação dos trabalhos realizados pela outra turma.

A disciplina de Cidadania foi, também, trabalhada nesta intervenção, em conjunto com a Expressão Plástica. Deste modo, a atividade consistia num trabalho de pesquisa em que foi proposto que cada aluno trabalhasse um valor. Neste seguimento, de entre um conjunto de valores, cada aluno tirou, à sorte um deles e o objetivo era realizar uma pesquisa sobre o mesmo, na internet, em livros, com a ajuda dos pais ou até mesmo por palavras suas (exploração reconstrutiva). Após esta pesquisa, foi pedido que cada aluno desenhasse aquilo que tinha escrito para, no final, ser elaborado “O nosso livro de Valores”. Esta ideia surgiu pois é cada vez mais importante que a escola contribua para ajudar os alunos a “desenvolver um bom carácter – a capacidade de conhecer o bem, amar o bem e fazer o bem – (...) embora contribuindo essencialmente para que a criança conheça o que é bom” (Ryan, 1993, p. 16).

Além disso, realizou-se, também uma visita ao Senhor Santo Cristo dos Milagres para abordar os valores religiosos e as crenças dos alunos.

Por fim, explorámos a Expressão Musical e a Expressão Dramática. Na Expressão Musical explorou-se as famílias de instrumentos de uma orquestra sinfónica, apresentando alguns instrumentos musicais (trompete, caixa) que puderam ser explorados e tocados pelos alunos. Na Expressão Dramática, os alunos dramatizaram uma pequena história sobre a amizade “A joaninha e o gatinho português”.

De 9 a 11 de maio, decorreu aquela que seria a última intervenção. Para esta, além da autonomia e cooperação, a responsabilidade foi também um foco predominante.

Nesta semana e, a pedido da professora cooperante, foi feita, ao nível da Matemática, uma revisão de conteúdos (divisão) que sairiam na prova final. Esta revisão foi feita utilizando o método mais tradicional – fichas de trabalho.

Na Expressão Plástica, foi feita a montagem final do livro bem como, a elaboração de um desenho livre sobre algo que fosse importante para os alunos, sendo depois apresentado aos restantes colegas da turma.

Por fim, no Português foi explorada a história “O Elefante Cor-de-Rosa”, integrado no Plano Nacional de Leitura. Antes da leitura da história, foi apresentada uma ficha de pré-leitura com o intuito de fazer com que os alunos antecipassem os conteúdos da história através do seu título e das ilustrações da capa. Para dar algum dinamismo à atividade, a história foi apresentada com recurso ao suporte digital.

Para a última atividade, associou-se o Português à Cidadania e à Expressão Plástica, com a atividade “Dados com Valores”. Neste sentido, foram apresentados dados, onde em cada face, estavam presentes imagens com valores inerentes. O objetivo

era, através da leitura da imagem, escrever um pequeno texto sobre aquilo que la estava representado. Esta atividade foi muito importante pois, permitiu que os alunos refletissem sobre os valores alterando a prática de algumas atitudes menos boas.

A semana terminou com a apresentação de “O Nosso Livro de Valores”. Esta apresentação contou com a presença dos pais e cada aluno ficou responsável por apresentar o valor que tinha trabalhado.

Em jeito de conclusão, procurou-se, através de conceitos/princípios abrangentes, possíveis de ser trabalhados transversalmente e de forma integrada, desenvolver atividades que viabilizassem aprendizagens ativas e significativas por parte dos alunos, respondendo às suas necessidades com vista a colmatar as suas dificuldades.

À semelhança do que do que fizemos no contexto da Educação Pré-Escolar, no contexto do 1.º Ciclo do Ensino Básico também comparamos o que foi observado com as respostas dadas pela professora.

Assim, aquando desta comparação, verificamos uma grande falta destas duas áreas dentro da sala de aula. Quando questionada sobre a importância da disciplina de Cidadania para a formação do desenvolvimento integral dos alunos, a professora considerou a mesma muito importante contudo, verificamos que esta é uma disciplina que ficava “abafada” pelas outras consideradas mais importantes, assim como a área das Expressões que, embora valorizada pela docente, é posta de parte pois “o programa é muito extenso e não dá.” (Professora P) Ainda assim, salienta que é muito mais fácil trabalhar as restantes áreas através das expressões uma vez que esta desperta interesse e entusiasmo por parte das crianças.

Apesar de considerar, também, que Expressões Artísticas e Educação para Valores complementam-se, a segunda só surgia quando algum comportamento menos adequado era evidenciado em ambiente escolar.

Por fim, confrontando os discursos obtidos nas entrevistas com aquilo que observamos, afirmamos que, nem sempre aquilo que os docentes acreditam e consideram importante é o que realizam nas suas práticas letivas, especialmente no 1.º Ciclo, onde predominam a matemática, o português e o estudo do meio, deixando de parte outras áreas cruciais para o crescimento e desenvolvimento integral, social e emocional da criança.

De todo um vasto conjunto de atividades realizadas quer no contexto de estágio na Educação Pré-Escolar, quer no contexto de estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico,

## **Capítulo II** – O Estágio Pedagógico na Formação Inicial de Professores

selecionamos quatro atividades que merecem um maior aprofundamento e reflexão. É sobre este aspecto que focamos a nossa atenção no capítulo que se segue.

## **Capítulo III**

---

### **3. ANÁLISE DAS SITUAÇÕES EDUCATIVAS**

**3.1. Análise das situações educativas na Educação Pré-Escolar**

**3.2. Análise das situações educativas no 1.º Ciclo do Ensino Básico**

### 3. Análise das situações educativas

As ações pedagógicas proporcionadas emanaram de princípios pedagógicos, baseados nas nossas reflexões e nas pesquisas realizadas no contexto dos conteúdos que abordámos. Assim, é essencial que, antes de entrar em ação, o educador/professor pense e se questione sobre aquilo que pretende colocar em prática, justificando as suas opções, tendo sempre em consideração o contexto em que se insere e, principalmente, as características do seu grupo/turma para que possa, então, determinar as metodologias e as estratégias a utilizar. Estabelecer uma boa relação com todos os intervenientes e ter em consideração as conceções prévias das crianças/alunos foi o nosso ponto de partida para promovermos atividades que se adequassem às necessidades e interesses das mesmas.

Neste sentido, e tendo em conta os naturais constrangimentos deste trabalho relativamente ao número de páginas, apresentar-se-á apenas a análise mais exaustiva de quatro atividades: duas do estágio na Educação Pré-Escolar e duas do estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Estas atividades vão ao encontro da temática deste relatório de estágio e permitirão refletir sobre os momentos de intervenção e sobre as ações estabelecidas entre todos os intervenientes.

#### 3.1. Análise das situações educativas desenvolvidas na Educação Pré-Escolar

##### 3.1.1. Atividade “O Valor da Amizade”

A primeira situação em destaque ocorreu na primeira intervenção, mais concretamente no dia 6 de outubro de 2015, sendo a temática abordada nos três dias de intervenção, *o outono*. No contexto desta temática, foi possível explorar o livro *A Magia da Estrela do outono*, como ponto de partida para a introdução do valor da amizade.

Para a concretização desta atividade, após as crianças estarem todas sentadas no tapete, procedeu-se à leitura da história, integrando assim, a área do Português pois, na maioria das vezes, quando a criança escuta uma história, tende a relacioná-la com factos do seu dia-a-dia, o que lhe permite uma maior compreensão do mundo, para além de contribuir para o seu desenvolvimento. A este propósito, Silva (2011) refere que “a história contada auxilia no processo de aprendizagem, contribuindo desde o incentivo à

escrita e à leitura, até a noção de valores e sentimentos que estão presentes no ser humano” (p. 24).

Assim, através de histórias e de vivências das próprias crianças torna-se muito mais fácil abordar conceitos mais abstratos, como é o caso dos valores pois, a sua utilização como estratégia de ensino “irá permitir o desenvolvimento das aprendizagens necessárias para a criança, partindo da sua imaginação, fazendo com que esta estabeleça um paralelismo entre aquilo que é a ficção de uma história e aquilo que são os conceitos reais” (Pinheiro, 2013, p. 12).

Após a leitura da história, proporcionou-se um momento de diálogo sobre a mesma, para se chegar ao objetivo foco: compreender o valor da amizade. Aqui, as crianças foram questionadas sobre o que é ser amigo e surgiram várias respostas como: “é brincar com todos sem bater”, “dar beijinhos a toda a gente” e “ajudar os outros”. Todas estas conceções foram transformadas em pequenas mensagens e registadas em pequenos balões de papel que foram colocados em redor dos amigos “Sebastião” e “Rita” (dois amigos feitos em goma EVA). Para concluir a atividade, a almofada da amizade, elaborada pela estagiária, foi colocada no cantinho da biblioteca.

Nesta atividade, tendo por base uma abordagem construtivista, debruçamo-nos em estratégias de exploração reconstrutiva e, através da clarificação de valores, que é entendida como um processo de auto-consciencialização das crianças, estimulámos e promovemos um desenvolvimento moral autónomo na medida em que, quando sentiam que algo de menos positivo acontecia dentro da sala, as crianças olhavam para os bonecos e lembravam-se de muitas das ideias que lá estavam escritas e tentavam melhorar, incentivando os amigos a fazerem o mesmo. Além disso, durante as suas brincadeiras livres, as crianças foram percebendo o quanto este valor era importante pois, a dada altura, duas crianças brincavam juntos nos jogos, quando de repente uma delas decide não partilhar as peças do jogo e o outro muito depressa diz: - “Professora, o “Joaquim” não está a fazer a amizade direito. Ele não quer partilhar comigo”. Daqui depreende-se que as crianças clarificaram o conceito do valor da amizade e o que ele representa, percebendo que cada um age e interage de maneira diferente.

Ao trabalhar harmoniosamente as expressões com os valores, através da comunicação visual, integrada no domínio da expressão plástica, as crianças, ao olharem para os bonecos, refletiam sobre o seu comportamento e o comportamento do outro. Nesta perspetiva, conseguimos alcançar um dos objetivos a que nos propusemos,

promover o desenvolvimento e o trabalho harmonioso entre Expressões Artísticas e Educação para Valores.

De uma maneira geral, a atividade correu bem mas, o facto de a história ser um pouco longa, fez com que as crianças ficassem muito tempo no tapete, o que levou a uma pequena perda de interesse pela atividade. Contudo, quando foram apresentados os amigos “Sebastião” e “Rita”, as crianças ficaram muito contentes, participando positiva e entusiasticamente desde então.

A apresentação destes amigos foi, na realidade, o que facilitou e contribuiu para o sucesso da atividade pois, como é sabido, os recursos didáticos possuem um grande potencial pedagógico na medida em que auxiliam a construção do conhecimento e a sua compreensão pelos alunos (Chamorro, 2013, cit. por Moreira e Botas, 2013), além de que, permitem ao educador/professor transmitir conhecimentos através de atividades lúdico-pedagógicas, facilitando o processo de ensino-aprendizagem e promovendo um ensino atrativo e dinâmico, através de “situações de aprendizagens originais que possibilitem às crianças rasgarem horizontes que quebram a normalidade existencial e onde a imaginação pode representar viagens de espírito gostosas e muito valiosas que mais não são que caminhos formativos simples e muito recompensadores da vida” (Leal, 2009, p. 137).

Se pudesse voltar atrás e retomar a atividade, apresentaria a história de maneira diferente, de forma mais dinâmica, por exemplo através de um diaporama onde as imagens pudessem surgir com algumas animações, com o intuito de captar uma maior atenção das crianças. Através deste recurso, as crianças teriam uma outra perspectiva das imagens da história e do texto escrito junto delas pois, “as ilustrações além de servirem de atrativos para as crianças, auxiliam o processo de compreensão do escrito o que possibilita a formação de um leitor mais crítico que atua com e sobre o que lê” (Rocha, Sousa & Rocha, 2009, p. 33).

Ainda assim, e tendo em conta as necessidades das crianças, conseguimos planificar atividades que integrassem diferentes áreas de conteúdo, tornando, assim, mais ricas as aprendizagens das crianças, tal como se pode observar na figura que se segue (ver figura 5).



**Figura 5** – Recursos da atividade “O Valor da Amizade” (a- história trabalhada; b- almofada da amizade; c/d- Bonequinhos em EVA que serviram de suporte à clarificação do valor da amizade).

A fim de dar continuidade a esta atividade, teria sido interessante construir fantoches com as personagens da história, permitindo trabalhar a cooperação, o respeito e a diferença pois, apesar de as personagens serem as mesmas, cada criança iria concebê-las com características próprias, pois cada pessoa é um ser individual, único e irrepetível. Com estes fantoches realizar-se-ia um teatro de fantoches, dando às crianças a oportunidade de imaginar, criar e expressar-se.

### 3.1.2. Atividade “O Cuquedo”

A segunda atividade a descrever e analisar no âmbito do Estágio na Educação Pré-Escolar, realizou-se na terceira semana de intervenção e teve lugar no dia 4 de novembro de 2015. Durante esta semana de intervenção, todas as atividades giraram em torno da história “O Cuquedo” havendo articulação na “abordagem das diferentes áreas de conteúdo e domínios inscritos em cada uma, de modo a que se integrem num processo flexível de aprendizagem que corresponda às suas intenções e objectivos educativos e que tenha sentido para a criança (...)” (Ministério da Educação, 1997, p. 50). Particularmente, no dia 4 de novembro, predominaram a Educação para Valores e as Expressões Artísticas (expressão dramática), áreas preponderantes da temática deste relatório de estágio

Uma vez que as crianças já haviam explorado a história na semana anterior com a colega de estágio, solicitámos que, a partir das personagens do livro, as crianças partilhassem ideias e criassem uma nova história, para de seguida a colocarem em ação na atividade de expressão dramática.

Estamos conscientes de que a Expressão Dramática se assume com grande potencial na Educação Pré-Escolar pois “(...) é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o (s) outro (s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais” (Ministério da Educação, 1997, p. 59), além de que contribui eficazmente para uma educação para valores pois, através de atividades desta natureza, as crianças podem afirmar as suas atitudes, as suas capacidades comunicativas e expressivas, a socialização, desenvolvendo, também, as suas competências psicomotoras e cognitivas.

No caso específico desta atividade e com esta história, trabalhou-se o respeito pelo outro, apostando no role playing (estratégia de exploração reconstrutiva que permite aprendizagens através de “jogos de representação”). Esta estratégia ajuda as crianças a compreender o seu papel nas interações sociais e a desenvolver a sua relação com os outros. Assim, através desta estratégia e com recurso à dramatização, a criança teve a oportunidade de se desenvolver tanto ao nível pessoal como ao nível social, respeitando-se a si e ao outro, expressando a sua criatividade e a sua consciência dos valores morais.

Quando questionados sobre se o respeito era uma coisa boa ou má, surgiram umas respostas bastante interessantes, como: “é uma coisa boa, por isso temos que respeitar as pessoas” ou “é uma coisa boa por isso devemos respeitar as pessoas, especialmente os mais velhos, os pais e as professoras”. Este é, sem dúvida, um dos valores que deve ser trabalhado desde cedo para que a criança desenvolva o seu eu social, “plasmado na importância das relações interpessoais que só podem existir num clima de igualdade, liberdade e responsabilidade partilhadas, tolerância, respeito e solidariedade” (Fonseca, 2003, p. 54).

Ainda para esta atividade, as crianças contaram com a ajuda de suportes de expressão (fantoques) na medida em que, o recurso a estes potencia uma expressão libertadora e muito rica para o desenvolvimento das competências. De acordo com Pierre Leenhardt (1974), o fantoche é “para a expressão dramática o que o boneco é para o jogo espontâneo da criança” (p. 52), pois o jogo com bonecos é onde a criança tem possibilidade de “se imaginar na realidade logo, de permanecer no imaginário”

(Leenhardt, 1974, p.51). Estes bonecos representam para ela um ser imaginário relacionado com o Eu próprio. Pois, o brinquedo só é jogo “enquanto se pode tornar o receptáculo do imaginário, do desejo da criança” (Leenhardt, 1974, p. 51).

Por sua vez, Sousa (2003) afirma que

os fantoches, além de serem os fiéis amigos das crianças, enquanto brinquedos, são excelentes interlocutores, uma vez que, para eles e através deles a criança expressa e expressa-se projetando a sua personalidade e essência. Na verdade, os fantoches permitem que muitas das temáticas difíceis de concretizar, tal como os valores, possam ser abordadas com maior facilidade, tanto para o educador, que as apresenta, como para as crianças, na sua compreensão (pp. 90 - 91).

Nesta ordem de ideias, a utilização deste suporte de expressão “abriu caminho” para a promoção de uma educação para valores, pois permitiu que, através da vivência de diferentes papéis, a criança se (re)conhecesse, conhecesse e entendesse o outro, ajudando-o na sua relação social.

Nas figuras que se seguem (ver figuras 6 e 7) procuramos ilustrar esta realidade.



**Figura 6** – Recursos da atividade “O Cuquedo” (a- teatro de fantoches; b- história e animais da história; c- almofada do valor do respeito; d- animais da história feitos em feltro).



**Figura 7** – Fantoches com as personagens da história.

Ainda a propósito desta atividade, teria sido interessante e enriquecedor prolongá-la com a apresentação dramática aos pais estimulando, deste modo, a participação das famílias no processo educativo. É, sem dúvida, essencial chamar os pais à escola para participarem nas atividades e aprendizagens dos filhos. “Quando os pais e os professores colaboram mutuamente, as escolas ganham porque se aproximam das comunidades e podem contar com apoios adicionais (...), os alunos e as famílias ganham porque melhoram o aproveitamento escolar e os pais ficam mais bem informados, acerca da educação e da escola” (Marques, cit. por Abreu, 2012, p. 2), confirmando-se, assim, que a presença dos pais na escola é favorável para todos os intervenientes do processo educativo.

No entanto, existem alguns aspetos que, se a atividade fosse realizada hoje, teriam sido diferentes. Assim, ao invés de ter construído os fantoches, deixaria que fossem as crianças a construí-los de forma livre e criativa pois, “as crianças necessitam de explorar, sensorialmente, diferentes materiais e objectos, procurando, livremente, maneiras de os agrupar, ligar, sobrepor...” (Ministério da Educação, 2004, p. 90). Ao atribuir vida aos fantoches, estes tornam-se mais representativos e significativos para elas.

De uma maneira geral a atividade foi bem-sucedida pois conseguimos aquilo que esperávamos, ou seja trabalhar harmoniosamente as expressões artísticas e a educação para valores. No final da atividade, algumas crianças manifestaram o seu agrado dizendo: “professora, gostamos tanto, podemos fazer isso todos os dias?”; “vou brincar com estes fantoches todos os dias”.

## **3.2. Análise das situações educativas no estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico**

### **3.2.1. Atividade “O Nosso Livro de Valores”**

“O Nosso Livro de Valores” foi outra das atividades selecionadas para ser descrita e refletida neste ponto do trabalho. Esta atividade foi dividida em três partes em que a primeira e a segunda decorreram na quinta semana de intervenção e a terceira no último dia da sexta intervenção.

Neste sentido, a primeira parte da atividade consistia num trabalho de pesquisa em que foi proposto que cada aluno trabalhasse um valor, tirado à sorte de um conjunto

de valores apresentados pois, como sabemos, o trabalho de pesquisa apresenta um grande potencial para o desenvolvimento axiológico na medida em que, auxilia os alunos na construção do seu conhecimento acerca dos valores.

O modo de pesquisa ficaria à escolha do aluno podendo, este, realizá-la através da internet, da consulta de livros ou mesmo com a ajuda dos pais. Ao dar este poder de escolha aos alunos pretendíamos, desenvolver a sua autonomia, implementando, assim, o método de exploração reconstrutiva, permitindo-lhes fazer escolhas de forma livre de modo a torna-los responsáveis pelas suas opções e decisões.

Como sabemos, tanto a escola como a família contribuem para a formação do aluno enquanto cidadão por isso, “existem muitas vantagens num trabalho com os pais, com o envolvimento dos pais podemos: ajudar as crianças, os pais, as escolas e esperar melhorias na sociedade democrática” (Davies, cit. por Abreu 2012, p. 17).

Na segunda parte da atividade, após a leitura das pesquisas efetuadas, os alunos tiveram como tarefa ilustrar o seu trabalho, integrando, deste modo, a expressão plástica uma vez que, através do desenho, o aluno exprime aquilo que sente e aquilo que muitas vezes não consegue exteriorizar com palavras. De acordo com as palavras de Bessa (1972), “quase sempre a criança usa o desenho para exprimir e comunicar realidades individuais, muitas vezes inexprimíveis pela linguagem oral” (p. 34).

Desta forma, procurámos incentivar o aluno a estimar aquilo que gosta e aprecia, ajudando-o a refletir e a perceber aquilo a que dá valor, num processo de clarificação dos seus valores. Além disso, procedeu-se, também, nesta segunda parte, à montagem do livro que viria a ser apresentado pelos próprios, aos pais.

A atividade ficou concluída com a apresentação do livro. Para esta apresentação foi elaborado um convite de modo a tornar este momento especial e importante, tanto para os alunos como para os pais, pois todo o livro foi elaborado com os desenhos e trabalho dos seus filhos.

Nas figuras que se seguem, ilustramos as duas fases em que se desenvolveu esta atividade (ver figuras 9 e 10).



Figura 9 – Recursos da atividade “O Nosso Livro de Valores”.



Figura 10 – Apresentação do livro “O Nosso Livro de Valores”.

Uma vez que acreditamos que a interação entre os pais e a escola contribui, em uníssono, para o desenvolvimento cognitivo e afetivo do aluno, cabe-nos “incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade” (Ministério da Educação, 1997, p. 22).

A este propósito, Diogo (cit. por Abreu, 2012) adianta que “o trabalho do professor pode ser mais fácil e satisfatório se receber a ajuda e cooperação das famílias e os pais assumirão atitudes mais favoráveis face aos professores se cooperarem com eles de uma forma positiva” (p. 2).

Deste modo, a partilha de conhecimentos da escola com pais e vice-versa, relativos ao aluno, proporciona ao professor uma maior familiarização com o perfil do aluno em contexto familiar e, aos pais e encarregados de educação, em contexto escolar, potenciando as sinergias inerentes à promoção do desenvolvimento cognitivo, moral e social do aluno. Com a interação escola-família conseguimos elevar a qualidade da educação ao seu expoente máximo, tanto em termos pedagógicos, como em termos afetivos.

No desfecho da sessão a reação dos pais e encarregados de educação impelia a fomentação de atividades que convergissem para a promoção da partilha entre a escola e o seio familiar do trabalho que os alunos desenvolvem na escola, tal como se pode comprovar nos relatos que se apresentam de seguida: “Estes trabalhos são muito gratificantes, tanto para nós, como para os nossos filhos”; “Gostei muito, ser convidada pelo meu filho para a apresentação de um trabalho é, sem dúvida, participar mais ativamente na sua vida escolar” e “estão todos de parabéns”. Estes foram alguns dos comentários dos pais e encarregados de educação que marcaram presença na apresentação deste trabalho dos alunos.

Tendo em conta tudo o que foi referido, seria interessante, num possível prolongamento desta atividade, proceder à publicação do livro no *site* da escola, dando a conhecer a toda a comunidade educativa o trabalho desenvolvido. Além disso, integraria as *TIC* (Tecnologias de Informação e Comunicação), outra área bastante importante para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos na medida em que constituem

uma linguagem de comunicação e um instrumento de trabalho essencial do mundo de hoje que é necessário conhecer e dominar. Mas representam também

um suporte do desenvolvimento humano em numerosas dimensões, nomeadamente de ordem pessoal, social, cultural, lúdica, cívica e profissional. São também, convém sublinhá-lo, tecnologias versáteis e poderosas, que se prestam aos mais variados fins e que, por isso mesmo, requerem uma atitude crítica por parte dos seus utilizadores (Ponte, 2002, p. 2).

Em jeito de conclusão, podemos admitir que esta foi mais uma atividade potenciadora de uma Educação Artística para Valores pois, como já foi referido anteriormente neste relatório de estágio, através das Áreas Expressivas, a criança vai se desenvolvendo, criando o seu quadro de valores ao mesmo tempo que se vai conhecendo a si e ao outro.

### **3.2.2. Atividade “Dados com Valores”**

A atividade “Dados com Valores” decorreu no dia 10 de maio, integrado na sexta e última semana de intervenção. Para esta, dividiu-se a turma em três grupos de quatro elementos, com o intuito de trabalhar a cooperação visando desenvolver o diálogo, a partilha de ideias e a entreajuda, seguindo-se a apresentação de 3 dados, onde em cada face existia uma imagem que continha valores inerentes. Os alunos lançavam o dado e, consoante a imagem que saísse, tinham que escrever uma história com base no que estava representado.

O desenvolvimento desta tarefa está ilustrado na figura que a seguir apresentamos (ver figura 8).



**Figura 8** – Recursos da atividade “Dados com Valores” (a, b- visualização e compreensão das imagens; c, d, e, f- construção de histórias; g- imagens representadas nas faces do dados).

Antes de explicar aos alunos a atividade, analisámos as imagens existentes em cada uma das faces do dado e, verificámos que cada aluno tinha conceções diferentes sobre as seis imagens apresentadas. Nesta altura os alunos disseram “ com estas imagens podemos construir histórias”. Posto isto, explicámos a atividade e surgiram histórias bastante interessantes e que falavam de valores, uma vez que cada imagem mostrava atitudes axiológicas e os alunos evidenciaram interesse e entusiasmo em construir histórias através deste instrumento de trabalho.

Esta atividade, para além de contribuir para o desenvolvimento da consciência moral autónoma dos alunos, através de um processo de clarificação e reflexão sobre os valores, promoveu também a expressão plástica pois, através da comunicação visual, a criança/aluno consegue organizar e estruturar uma mensagem podendo assim, “(...) desenvolver os seus próprios juízos e formar os seus próprios valores” (Sousa, 2003a, p. 144). Desta feita, conseguimos favorecer o trabalho harmonioso entre Expressões Artísticas e Educação para Valores contrariando a ideia de que uma serve de “muleta” da outra e sim que ambas trabalham de modo equilibrado e saudável em prol do desenvolvimento do indivíduo.

Além disso, com a realização deste desafio, percebemos que os alunos modificaram alguns dos seus comportamentos perante determinadas situações, por

exemplo, em momentos de maior excitação e barulho em que eram chamados a atenção e a maioria não respeitava, havia sempre algum aluno que dizia “calem-se, a professora quer falar. Isso é uma falta de respeito com a professora e com os outros que querem ouvir”, o que nos apraz dizer que aquilo que se pretendia foi alcançado, ou seja, esta atividade ajudou-os a perceber e a refletir acerca daquilo a que dão valor e que acham ser importante e correto, permitindo assim, desenvolverem-se como seres moralmente autónomos, capazes de compreender os valores universais.

Na possibilidade de haver a continuação desta atividade, seria interessante fazer a compilação de todos os textos e histórias que surgiram e construir um cartaz para ser afixado na escola a fim de dar a conhecer o trabalho desenvolvido na sala de aula e fortalecer aquela que deverá ser a base da formação do indivíduo, enquanto ser humano, cidadão e pessoa, os valores, perante a restante comunidade educativa.

Em jeito de conclusão, admitimos ter conseguido, com a realização destas atividades, atingir os objetivos a que nos propusemos para a realização deste Relatório de Estágio pois, sempre que era possível articulamos diferentes áreas de conteúdo, tendo por base as necessidades e níveis de aprendizagem das crianças, conseguimos, através de atividades específicas, criar condições para que houvesse uma Educação para Valores dentro do ambiente de sala de atividades/aula, interligando-a com as Expressões Artísticas. Como já foi anteriormente referido neste trabalho, estas são áreas extremamente importantes pois contribuem, em uníssono, para todo o processo de desenvolvimento da criança/aluno.

Tanto no âmbito da Educação para Valores como das Expressões Artísticas, as estratégias utilizadas foram uma mais-valia, pois são estratégias que, para além de incentivarem a socialização, permitem à criança expressar-se, fazer escolhas de forma livre e tomar consciência das suas opções e decisões.

Além disso, acreditamos que este tipo de atividades contribuiu positivamente para o desenvolvimento e crescimento das crianças/alunos pois foram atividades propícias à criação de vínculos sociais e à criação de laços de partilha, amizade e respeito ao próximo.

É, tendo em conta tudo o que já dissemos, que no próximo capítulo debruçaremos a nossa atenção no estudo realizado a fim de compreender as conceções da educadora e da professora cooperantes em relação a cada uma destas grandes áreas, bem como à relação homeostática entre elas.

## **Considerações Finais**



A elaboração deste relatório de estágio teve como principais propósitos analisar, refletir e dar a conhecer as experiências vivenciadas ao longo de toda a prática educativa em contexto de estágio na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, bem como, aprofundar questões de fundamento que se prendem com a temática privilegiada.

Expressões Artísticas e Educação para Valores são, de facto, duas áreas que investem na construção, formação e desenvolvimento integral das crianças/alunos, pois por detrás de uma criança, há uma pessoa, um ser em crescimento que necessita ser estimulado para que consiga criar um conjunto de valores, quer pessoais, quer sociais, que são imprescindíveis na construção da sua identidade, de modo a tornar-se num ser autónomo e responsável para interagir e viver em sociedade.

Ao longo deste trabalho procurou-se contrariar a ideia de que uma serve de “muleta” da outra e sim que ambas trabalham de modo equilibrado e saudável em prol do desenvolvimento do indivíduo.

Tendo por base os pressupostos apresentados ao longo de todo este trabalho, importa referir que o importante não é apenas transmitir conhecimentos e inculcar valores mas sim, desenvolver competências que promovam o conhecimento, a experiência dos valores e o desenvolvimento do raciocínio e de uma consciência moral autónoma, através de uma Educação Artística para Valores, cabendo ao educador/professor o papel de facilitador da aprendizagem, pois é ele o fiel incentivador das suas crianças.

No que concerne aos objetivos a que nos propusemos, acreditamos que foram atingidos. No início de cada um dos estágios, tivemos a oportunidade de observar os contextos educativos em que as crianças/alunos estavam inseridos e assim adquirir um melhor conhecimento das suas características e pré-requisitos, na medida em que, “é necessário conhecer a(s) criança(s) e o(s) contexto(s) educativo(s) que a(s) rodeia(m) para saber o que a criança já é capaz de fazer, para ajustar respostas ao desenvolvimento da criança, para intervir (escolhendo materiais, esquemas de organização, estratégias a utilizar, regras a estabelecer, exigências a fazer)” (Dias, 2009, p. 29).

Assim, pudemos planificar as nossas atividades, articulando as diferentes áreas de conteúdo, tendo como base as necessidades e níveis de aprendizagem das crianças/alunos.

Partindo da temática transversal a todo este relatório, promovemos o trabalho harmonioso entre Expressões Artísticas e Educação para Valores, pois conseguimos observar que, através das áreas expressivas, as crianças/alunos foram, gradualmente,

criando o seu quadro de valores, permitindo-lhes construir a sua identidade e desenvolver a sua personalidade, fortalecendo o conhecimento de si próprio e o conhecimento do outro.

Além disso, conseguimos, através de estratégias específicas, como a clarificação de valores, criar condições para uma Educação Artística para Valores que tornasse possível o desenvolvimento e a autonomia moral das crianças/alunos, levando assim uma nova e diferente dinâmica para a sala de atividades/aulas.

Por um lado, recorrendo a métodos de exploração reconstrutiva, permitimos que as crianças fizessem escolhas de forma livre, tornando-se responsáveis pelas suas ações e decisões. Por outro lado, ao criarmos condições para que as diferentes áreas de Expressão fossem efetivamente exploradas, oferecemos às crianças um conjunto de oportunidades para se exprimirem de forma livre e autónoma, aspeto que veio beneficiar a sua criatividade e imaginação, mas também o conhecimento que tinham de si, do outro e da dinâmica das relações estabelecidas entre ambos.

No nosso entender, este trabalho harmonioso entre as duas áreas, constitui uma mais-valia para o desenvolvimento da criança/aluno, uma vez que, como já foi referido, juntas laboram com vista a atingir o mesmo objetivo, a sua construção.

Por isso, seguros de que estas áreas devem ser vistas com o mesmo grau de importância que as outras ditas disciplinas nobres afirmamos que, embora ainda haja muito trabalho a fazer para que esta desvalorização seja eliminada, é crucial que se potencie e se crie condições que permitam a simbiose natural entre ambas as áreas para que a criança disponha de experiências e aprendizagens significativas que lhe possibilitem crescer e desenvolver-se como pessoa.

Por fim, após todas as observações e intervenções realizadas, procedemos à realização de uma entrevista às nossas orientadoras de escola, a educadora e a professora cooperantes, através das quais percebemos, efetivamente quais as suas conceções em relação a cada uma das áreas, bem como à relação homeostática entre elas.

Refletindo agora sobre todo o processo, mas numa perspetiva mais pessoal, podemos garantir que ambos os estágios pedagógicos permitiram-nos, enquanto futuros educadores/professores, desenvolver competências e capacidades, tanto ao nível profissional, como ao nível pessoal que nos acompanharão durante a nossa vida. Ao mesmo tempo proporcionaram-nos um primeiro contato com a realidade escolar, onde

encaramos diferentes cenários e contextos educativos que, certamente, encontraremos no nosso futuro profissional.

Ainda assim, deparámo-nos com algumas limitações e dificuldades, nomeadamente, o natural nervosismo que acompanha estes processos, as incertezas e as inseguranças próprias de um estagiário que se prepara para a entrada no mundo profissional. O curto tempo de cada estágio foi, também, outra limitação que encontramos pois, se o tempo tivesse sido mais prolongado, teríamos certamente conseguido observar uma maior evolução do comportamento das crianças perante tudo que foi trabalhado, garantindo, assim, que os objetivos seriam alcançados em toda a sua amplitude.

Por conseguinte, concluímos este trabalho ainda mais convictos dos benefícios que a relação homeostática entre estas duas grandes áreas oferece e, acima de tudo, com a sensação de dever cumprido mas com a nostalgia do final de uma longa caminhada de trabalho árduo mas extremamente gratificante. Levamos na memória todas as dificuldades, mas também todas as conquistas, todas as tristezas, mas também todas as alegrias, com a certeza que, daqui em diante, apesar de todas as dificuldades e obstáculos que possam surgir, serão as crianças o nosso porto de abrigo, a nossa inspiração e a nossa força para continuar a seguir este caminho.

## **Referências Bibliográficas**



- Abreu, A. (2012). *A importância da cooperação entre a escola e a família*. Relatório de Estágio. Instituto Politécnico de Castelo Branco: Castelo Branco.
- Afonso, M. (2005). *Construir e Viver a Cidadania em Contexto Escolar*. Lisboa: Plátano Editora.
- Aguilar, F. (2001). *Expressão e Educação Dramática: Guia Pedagógico para o 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Andrade, J. (1992). *Os Valores na Formação Pessoal e Social*. Lisboa: Texto Editora.
- Andrade, J. (1997). *Os Valores na Educação: Uma Perspectiva Universalizante*. In P. (org.), *A Escola e os Valores*. Porto: Porto Editora.
- Bessa, M. (1972). *Artes plásticas entre as crianças*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora
- Blanco, E. (1997). *Os Valores como Projecto Educativo e Pluridimensional*. In M. F. (org.), *A Escola e os Valores*. Porto: Porto Editora.
- Bucho, J. (2011). *Como se Aprende Aprendendo*. In M. F. (org.), *Educação Expressiva: Um Novo Paradigma Educativo* (pp. 23-38). Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial.
- Caires, S. (2001). *Vivências e Percepções do Estágio no Ensino Superior*. Braga: Universidade do Minho.
- Campos, B. P. (1991). *Educação e Desenvolvimento Pessoal e Social*. Edições Afrontamento.
- Carmo, H., Ferreira, M. (1998). *Metodologia da Investigação - Guia para Auto-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cerezo S. (Dir.). (1997). *Enciclopédia de Educação Infantil. Recursos para o desenvolvimento do Currículo escolar*, Vol. I, V, VI. Rio de Mouro: Nova Presença.
- Chatêau, J. (1975). *A Criança e o Jogo*. Coimbra. Atlântica Editora
- Condessa, I. (2009). *A Educação Física na Infância. Aprender: a Brincar e a Praticar*. In: Vários Autores. (Re) aprender a Brincar Da Especificidade à Diversidade. (pp. 37-49). Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

- Condessa, I. (2010). *(Re) aprender a brincar: na barca do pirata*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores
- Cunha, A. (2007). *Formação de Professores - A investigação por questionário e entrevista: um exemplo prático*. Vila Nova de Famalicão: Editorial Magnólia.
- Dias, J. (1997). *Os Valores no Processo Educativo e Cultural*. In M. F. Patrício, A Escola e os Valores. Porto: Porto Editora.
- Dias, M. (2009). *Promoção de Competências em Educação*. Leiria: INDEA - Instituto de Investigação, Desenvolvimento e Estudos Avançados IPL.
- Feio, V. (1997). *Metodologias de Promoção de Valores. A Escola como Valor de Relação*. In M. Patrício, A Escola e os Valores. Porto: Porto Editora.
- Fernandes, J. (s.d.). *Saberes, Competências, Valores e Afectos Necessários ao Bom Desempenho Profissional do/a Professor/a*. Lisboa: Plátano Editora.
- Fonseca, J. (2003). *Educação de Valores: Concepções e Práticas das Educadoras*. Angra do Heroísmo.
- Fonseca, J. (2005). *Educação e Valores: que relação*. Arquipélago - Ciências da, pp. 107-127.
- Fonseca, J. (2011). *A Cidadania como Projecto Educacional: Uma Abordagem Reflexiva e Reconstitutiva*. Angra do Heroísmo.
- Formosinho, J. (2009). *Formação de Professores: Aprendizagem Profissional e Acção Docente*. Porto: Porto Editora.
- Formosinho, J. (2002). *A Supervisão na Formação de Professores - Da Sala à Escola*. Porto: Porto Editora.
- Fragateiro, E. (1996). *Ensino Artístico*. Lisboa: Edições ASA.
- Godinho, J., Brito, M. (2010). *As Artes no Jardim-de-Infância: Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Goergen, P. (2005). *Educação e valores no mundo contemporâneo*. Educação & Sociedade, pp. 983-1011.

- Guislain, G. (1994). *Didática e Comunicação*. Porto: Edições ASA.
- Leal, S. (2009). *Um-dó-li-tá. A Linguagem das Brincadeiras e as Brincadeiras com a Linguagem*. In C. I. [Organização], (Re) Aprender a brincar: Da especificidade à diversidade (pp. 115-128). Ponta Delgada: Nova Gráfica.
- Leenhardt, P. (1974). *A Criança e a Expressão Dramática*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Lowerfeld, V. (1954). *A Criança e a sua Arte (Um Guia para os Pais)*. São Paulo: Editora Mestre Jou.
- Luquet, G. (1987). *O Desenho Infantil*. Porto: Livraria Civilização Editora.
- Maçaroco, B. (2014). *A Educação Pré-Escolar e o 1.º Ciclo do Ensino Básico: Dinâmicas de Cidadania em Contextos de Práticas Curriculares e Didáticas*. Ponta Delgada.
- Marques, R. (2002). *Valores Éticos e Cidadania na Escola*. Lisboa: Editorial Presença
- Martins, J. (2013). *Explorar o Ensino das Expressões nas Práticas Educativas em Educação Básica – uma Abordagem em Contexto do Estágio Pedagógico*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Medeiros, E. (2009). *Educação, Cultura (s) e Cidadania*. Porto: Edições Afrontamento.
- Menezes, I. (1998). *Desenvolvimento Psicológico na Formação Pessoal e Social*. Universidade do Porto.
- Menezes, I. (1999). *Desenvolvimento Psicológico Na Formação Pessoal e Social*. Porto: Edições ASA.
- Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação e Ciência. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa: Departamento da Educação Básica – Ministério da Educação.
- Moyles, J. (2002). *Só brincar? O papel do brincar na educação infantil*. Tradução de Maria Adriana Veronese. Porto Alegre: Artmed.

Papalia, D., Olds, S., Feldman, R. (2001). *O Mundo da Criança*. Amadora: MC Graw - Hill.

Pedro, A. P. (1998). *Filosofia da Educação: Temas e Problemas*. Braga: Universidade do Minho.

Perry, J. (2002). *A música na educação de infância*. In Spodek, B. (Org.). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. (pp. 461-493) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Pinheiro, A. (2013). *As Histórias como Estratégia Pedagógica*. Angra do Heroísmo: Universidade dos Açores.

Ponte, J. (2002) *As TIC no início da escolaridade: Perspectivas para a formação inicial de professores*. In J. P. Ponte (Org.), *A formação para a integração das TIC na educação pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico*,19-26. *Cadernos de Formação de Professores*, Nº 4. Porto: Porto Editora.

Quintana, J. (1995). *Pedagogia moral. El desarrollo moral integral*. Madrid: Dykinson

Quivy, R., & Campenhaut, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Reis, L. (2005). *Expressão Corporal e Dramática*. Lisboa: Produções Editoriais, Lda.

Ribeiro, A., Ribeiro, L. (1989). *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ribeiro, L. (1997). *Avaliação de Aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.

Rino, J. (2004). *O Jogo, Interações e Matemática*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.

Rocha, A., Sousa, I., Rocha, M. (2009). *Era uma vez... A arte de contar histórias*. FEST: Faculdade de Educação Santa Teresinha.

Rocha, F. (1996). *Educar em Valores*. Aveiro: Editora Estante.

- Rodrigues, J. (2014). *Os Suportes de Expressão como veículos promotores de aprendizagens no Ensino Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Roldão, M. (1999). *Os Professores e a Gestão do Currículo: Perspectivas e Práticas em Análise*. Porto: Porto Editora.
- Santos, A. (1999). *Estudos de Psicopedagogia e Arte*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Santos, A. (2007). *A Abordagem à Leitura e à Escrita no Jardim-de-Infância: Concepções e Práticas dos Educadores de Infância*. Angra do Heroísmo: Universidade dos Açores.
- Serpa, M. (2010). *Compreender a Avaliação: Funcionamentos para Práticas Educativas*. Lisboa: Colibri.
- Silva, I. (2011). *A Contação de História e sua contribuição para o processo de Ensino e Aprendizagem*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá.
- Sousa, A. (2000). *A Expressão - Novas Perspetivas e Implicações*. In A. Sousa, Educação pela Arte (pp. 75-87). Lisboa: Livros Horizonte, Lda.
- Sousa, A. (2003a). *Educação pela Arte a Artes na Educação - Bases Psicopedagógicas - Horizontes Pedagógicos*. 1º Volume. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. (2003b). *Educação pela Arte e Artes na Educação - Drama e Dança - Horizontes Pedagógicos*. 2º Volume. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. (2003c). *Educação pela Arte e Artes na Educação - Música a Artes Plásticas - Horizontes Pedagógicos*. 3º Volume. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, R. (2014). *Expressão Plástica na Prática Pedagógica: Olhares de Educadores e Professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Stern, A. (s.d.). *Uma Nova Compreensão da Arte Infantil*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Valente, M. (1989). *Educação para os Valores*. In e. a. Pires, O Ensino Básico em Portugal. Porto: Edições ASA.
- Veríssimo, A. (2001). *Registos de Observação*. Porto: Areal Editores.

Vilar, A. (1993). *O Professor Planificador*. Porto: Edições ASA.

Zeichner, K. (1993). *A Formação Reflexiva dos Professores: Ideias e Práticas*. Lisboa: Educa.

